

PerguntAção – Consulta Participativa de Opinião

Conhecendo os interesses e perspectivas dos jovens da Brasilândia, Cachoeirinha e Freguesia do Ó

Realização da consulta:

Instituto Sou da Paz
Instituto Paulo Montenegro
Centro para a Juventude Freguesia do Ó
Centro para a Juventude Jardim dos Francos
Centro para a Juventude Jardim Guarani

Relatório de análise elaborado pelo Instituto Paulo Montenegro

São Paulo, outubro de 2013



uma parceria entre:



INTRODUÇÃO

O Espaço Criança Esperança São Paulo – CEE Oswaldo Brandão é um projeto implementado desde novembro de 2005 em um centro esportivo municipal na Brasilândia, zona norte da cidade. Durante esse período o Espaço (fruto de uma parceria entre Instituto Sou da Paz, Unesco, Rede Globo e Prefeitura de São Paulo) é um centro de referência no atendimento a crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, que contribuiu para promover a educação, a cultura, a inclusão e o desenvolvimento social, respeitando e ouvindo a comunidade local.

Além das atividades educativas, sempre fez parte da atuação do projeto o fortalecimento comunitário da região, através da promoção do trabalho em rede e a aproximação com o poder público. Com esta finalidade foram realizadas reuniões com familiares de crianças e jovens atendidos, atendimentos com pais e educandos para encaminhamentos à rede local e promovidas atividades de ocupação democrática do clube nos finais de semana, garantindo à comunidade o acesso à cultura e ao lazer.

A partir de 2013, o ECE-SP muda a sua forma de atuação e passa a ter seu foco voltado ao atendimento de adolescentes e jovens em situação de alta vulnerabilidade e risco. O objetivo é desenvolver metodologias que contribuam para a construção de projetos de vida deste público, articulando seu acesso a oportunidades que possam impactar positivamente suas trajetórias.

Atuar neste novo desafio envolve atualizar o perfil e quais são os interesses e preferências dos jovens moradores da Brasilândia e região. Quais suas preocupações e perspectivas para o futuro? Como se informa sobre as oportunidades do seu bairro? Com quais atividades de esporte e cultura gostaria de se envolver? Ouvir os jovens a respeito destas e outras questões é certamente um bom caminho para o desenvolvimento de projetos atraentes e eficazes com este público.

Com isso, o Instituto Sou da Paz convidou o Instituto Paulo Montenegro, para realizar um processo de PerguntAção para promover a articulação de um grupo de meninos e meninas dispostos a discutirem questões relativas ao universo juvenil. A partir desta metodologia de *consulta participativa de opinião* é possível conhecer muitos dos desejos e aspirações desses jovens, a partir de um processo que estimula este grupo a promover ações de divulgação do resultado da consulta e, conseqüentemente, do próprio Espaço Criança Esperança.

Para tanto, o Instituto Sou da Paz mobilizou 28 jovens de 3 Centros para Juventude (CJs) localizados na região da Brasilândia para compor o grupo de atuação, que participou de todas as etapas de construção da *consulta participativa de opinião*. O presente material apresenta o resultado desta consulta, na expectativa de que possa contribuir com todos aqueles que atuam com adolescentes e jovens na região da Brasilândia.

METODOLOGIA

A metodologia de *consulta participativa de opinião* se propõe a promover a integração e o comprometimento do grupo responsável pela sua concepção e implementação, visando o planejamento de uma ação de melhoria em seu contexto local.

O que diferencia a *consulta participativa* da pesquisa de opinião realizada profissionalmente é a participação de diversos atores em todas as etapas do projeto. Assim, a consulta pode ser construída e realizada a muitas mãos, de modo que pessoas que moram ou atuam no contexto local podem contribuir com a concepção do foco principal da consulta, dos instrumentos de consulta e até da análise dos resultados. Vale ressaltar que o que se prioriza não é a precisão desses resultados, nem o uso rigoroso dos procedimentos metodológicos de uma pesquisa realizada profissionalmente, mas sim a mobilização e o comprometimento dos atores envolvidos diante da temática escolhida.

Ao envolver a comunidade como respondente da consulta, seus membros passam a se identificar como sujeitos, assegurando assim o interesse pelo tema investigado e estimulando o comprometimento com ações que possam derivar desse processo.

Sua metodologia possibilita ouvir e considerar o que pensa a comunidade, e seus resultados podem indicar com mais clareza o foco e as estratégias, criando condições mais favoráveis à implementação de projetos de desenvolvimento local.

Para este fim, profissionais do Instituto Paulo Montenegro (IPM) realizaram oficinas de formação, a fim de percorrer coletivamente as seguintes etapas:

- Definição e qualificação do tema da consulta;
- Identificação da pergunta-guia e levantamento das hipóteses;
- Definição do público a ser consultado;
- Construção do questionário;
- Trabalho de campo;
- Análise de resultados;
- Estratégias de divulgação dos resultados.

Diversos debates e dinâmicas foram realizados com o grupo de atuação para introduzir a metodologia proposta e o tema que estava sendo sugerido para a *consulta participativa de opinião*. Com a facilitação da equipe do IPM, o grupo formulou, para nortear os passos seguintes do processo de *consulta*, a seguinte pergunta-guia: **O que é preciso fazer para os jovens participarem do Espaço Criança Esperança?** Vale lembrar que, no início dos trabalhos, o intuito da realização da *consulta participativa de opinião* era conhecer os interesses e perspectivas dos jovens moradores das regiões que estão no entorno do Espaço Criança Esperança - CEE Oswaldo Brandão. O espaço passava por uma grande reforma e ia ter seu atendimento direcionado, a partir daquele momento, ao atendimento do público jovem, exclusivamente. Porém, as perguntas formuladas e as opiniões colhidas durante o trabalho podem servir como apoio para diversos tipos de organizações sociais e equipamentos públicos da região que promovem atividades direcionadas ao público jovem. A partir deste ponto, então, sugerimos que vale a pena pensar em uma pergunta-guia do tipo “O que é preciso fazer para os jovens participarem de espaços com atividades direcionadas a eles em seus bairros?”, por exemplo.

O grupo, então, enumerou as hipóteses que poderiam fazer frente à questão:

- É preciso fazer uma ampla divulgação, em vários espaços e meios (Facebook, Twitter, Boca-a-boca, murais). Exemplo de atividade para divulgação seria a realização frequente de enquetes e caixinha de sugestões. Também seria importante o Espaço Criança Esperança se articular com outros equipamentos, fazendo palestras ou reuniões em escolas, Centros para Juventude, etc.
- Devem ser oferecidos cursos profissionalizantes tradicionais e também ligados à cultura.
- Também é interessante oferecer atividades e eventos culturais e esportivos.
- É preciso ter possibilidade de transporte para melhorar o acesso.
- É necessário garantir a segurança, pois a ausência dela é um dos principais motivos para impedir as pessoas de frequentar espaços. Para os mais novos, é importante que os pais tenham confiança e conheçam o local.
- Também é preciso uma estrutura física de qualidade, com responsáveis pela agenda e utilização dos espaços.

O grupo de atuação decidiu que, para compreender tais questões, deveriam ser consultados adolescentes e jovens de 13 a 29 anos, moradores dos distritos de Brasilândia, Freguesia do Ó e Cachoeirinha. Muito se discutiu acerca da idade e do local de moradia do público que seria ouvido: chegou-se a acreditar que entrevistar pessoas de até 24 anos já seria suficiente para abarcar o conceito de “público jovem”. Porém, alguns fatores foram essenciais para a mudança de opinião: o primeiro e mais relevante, é o fato de que o Estatuto da Juventude foi aprovado recentemente e, nele, está descrito que alguém é jovem até os 29 anos de idade. Paralelamente, os participantes foram se recordando de outros eventos ocorridos em espaços da região, notoriamente no Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso (CCJ), nos quais era maciça a presença tanto de adolescentes quanto de pessoas mais velhas, inclusive na faixa dos 30 anos.

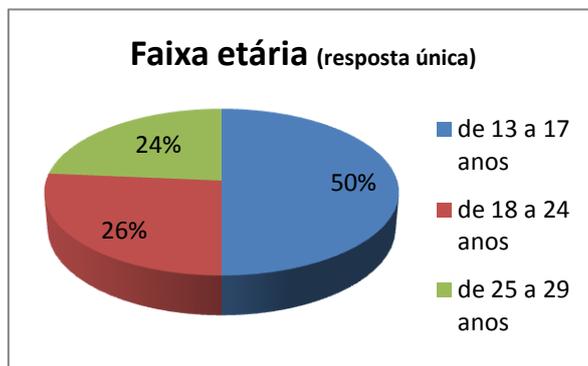
Preparados para ir a campo, os jovens enfrentaram dias frios e chuvosos para buscar com outros jovens a resposta da pergunta-guia. Foram realizadas 254 entrevistas, entre 24 de julho e 2 de agosto.

Afinal, **o que é preciso fazer para os jovens participarem de espaços com atividades direcionadas a eles em seus bairros?** Para compreender tal pergunta-guia, o grupo de atuação procurou captar as opiniões dos jovens que indicassem o que eles gostam de fazer no tempo livre, como eles procuram saber sobre eventos que podem ocorrer nos seus bairros ou fora dele, de onde acessam a internet, se participam de grupos ou coletivos de jovens, etc. Buscou também saber como os jovens ouvidos sentem o bairro onde vivem, tanto pelos problemas com infraestrutura urbana quanto pela temática da segurança e/ou violência.

A seguir estão sistematizados os resultados desta coleta de opinião realizada a muitas mãos, cuja análise, também realizada participativamente, traz informações relevantes não só para a definição de atividades para os equipamentos da região, mas também para promover uma divulgação continuada, contando com um animado grupo de jovens articulados e dispostos.

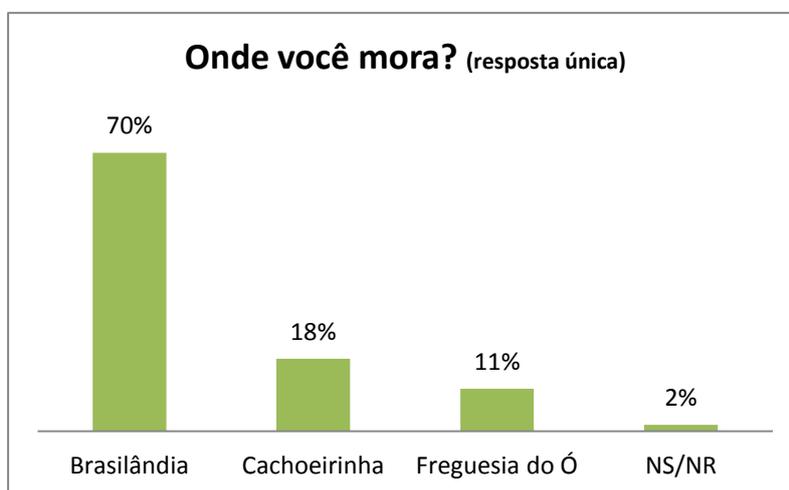
PERFIL GERAL DOS ENTREVISTADOS

A distribuição de entrevistados por faixa etária foi a seguinte:



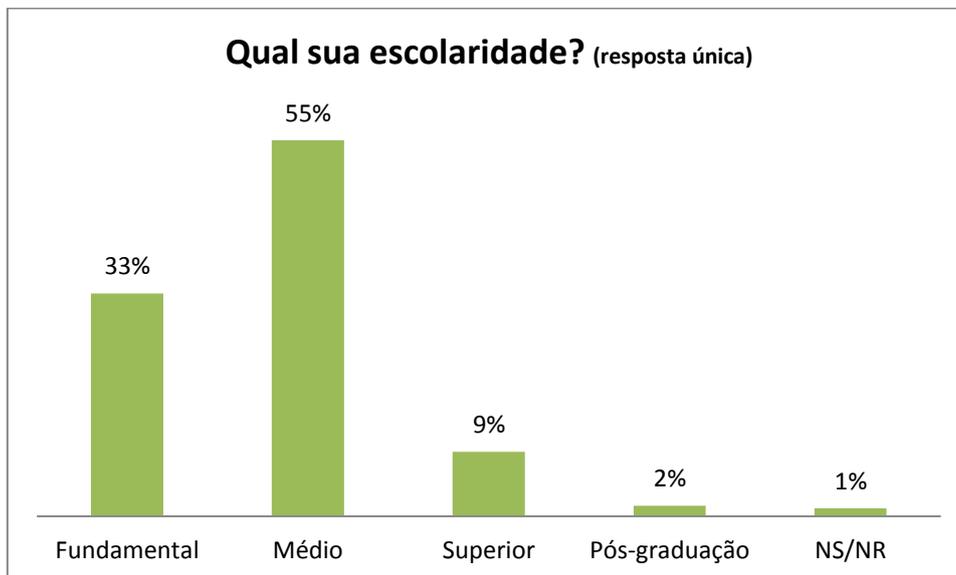
O fato de metade dos entrevistados terem entre 13 e 17 anos pode refletir a questão de o grupo de atuação ser composto por uma maioria de adolescentes também nesta faixa etária. Isso pode ter relação com a procura de possíveis entrevistados dentro de seus próprios círculos sociais ou pela questão de uma relativa timidez em abordar pessoas de idade superior à deles. Quanto ao sexo dos entrevistados, houve um número igual de homens e mulheres.

Quanto às discussões sobre os bairros onde moram os entrevistados, o consenso foi o de adotar o conceito de *distritos*, visto que muitos “micros bairros” poderiam ser localizados naquela região – como em várias outras regiões da cidade de São Paulo. Portanto, convencionou-se que seriam entrevistados jovens moradores dos Distritos de Brasilândia, Cachoeirinha e Freguesia do Ó.



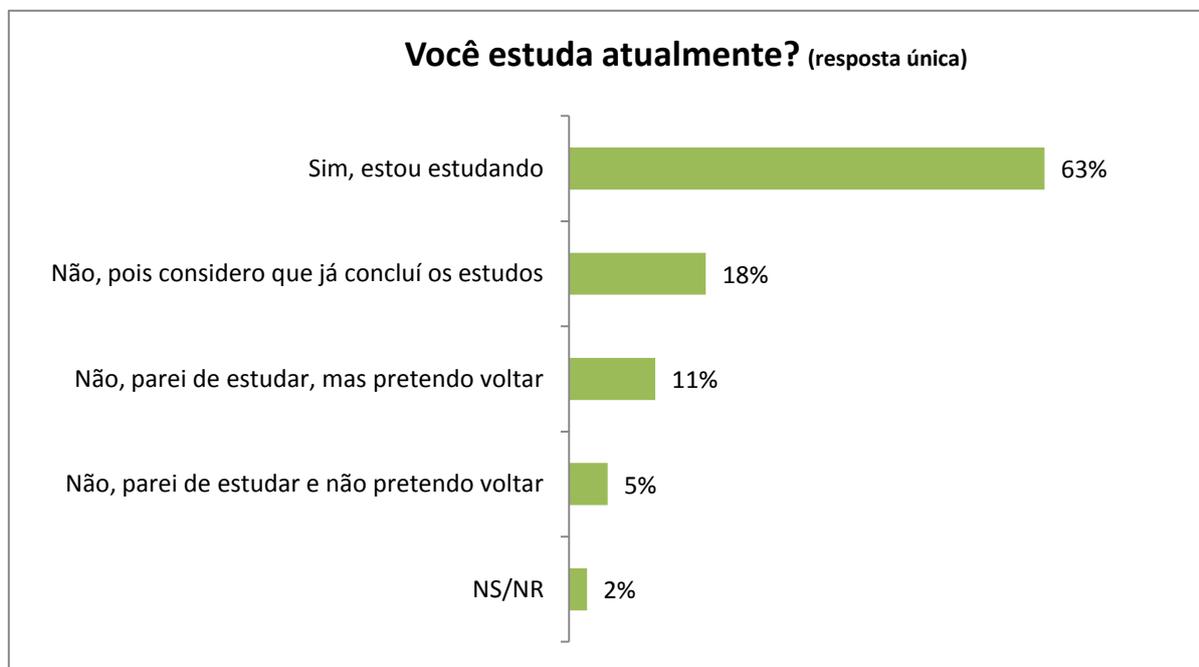
A grande maioria dos entrevistados era da região da Brasilândia. Isto representa fortemente o fato de a maioria dos jovens do grupo de atuação morar neste distrito.

Buscou-se também saber o nível de escolaridade do público consultado:



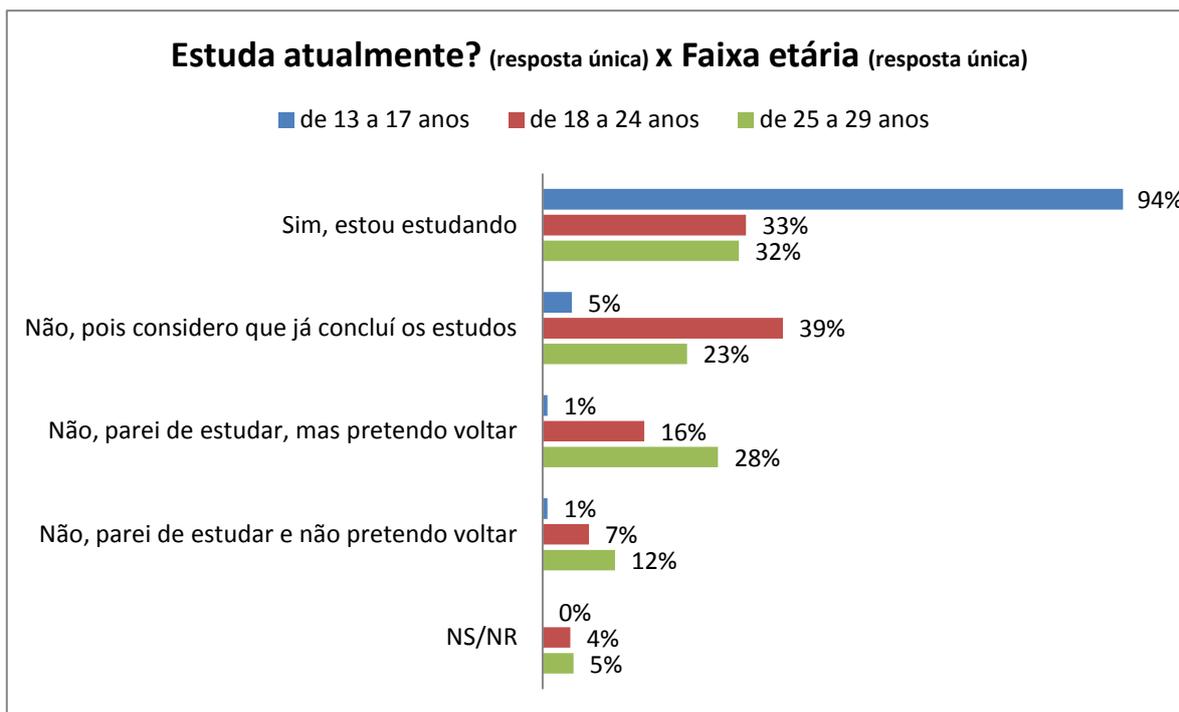
Também reflexo da idade da maioria dos integrantes do grupo de atuação e em consonância com o fato de metade dos entrevistados estarem na faixa dos 13 aos 17 anos de idade, pouco mais da metade do público consultado está cursando ou concluiu o ensino médio. Enquanto 3 a cada 10 ainda estão na faixa do ensino fundamental, somente 1 a cada 10 já acessou o ensino superior.

Além do nível de escolaridade alcançado pelo público entrevistado, a consulta procurou saber um pouco mais sobre a expectativa em relação aos estudos, perguntando se já parou de estudar, se pretende ou não voltar, se já concluiu as etapas formais de escolarização ou, ainda, se estuda atualmente.



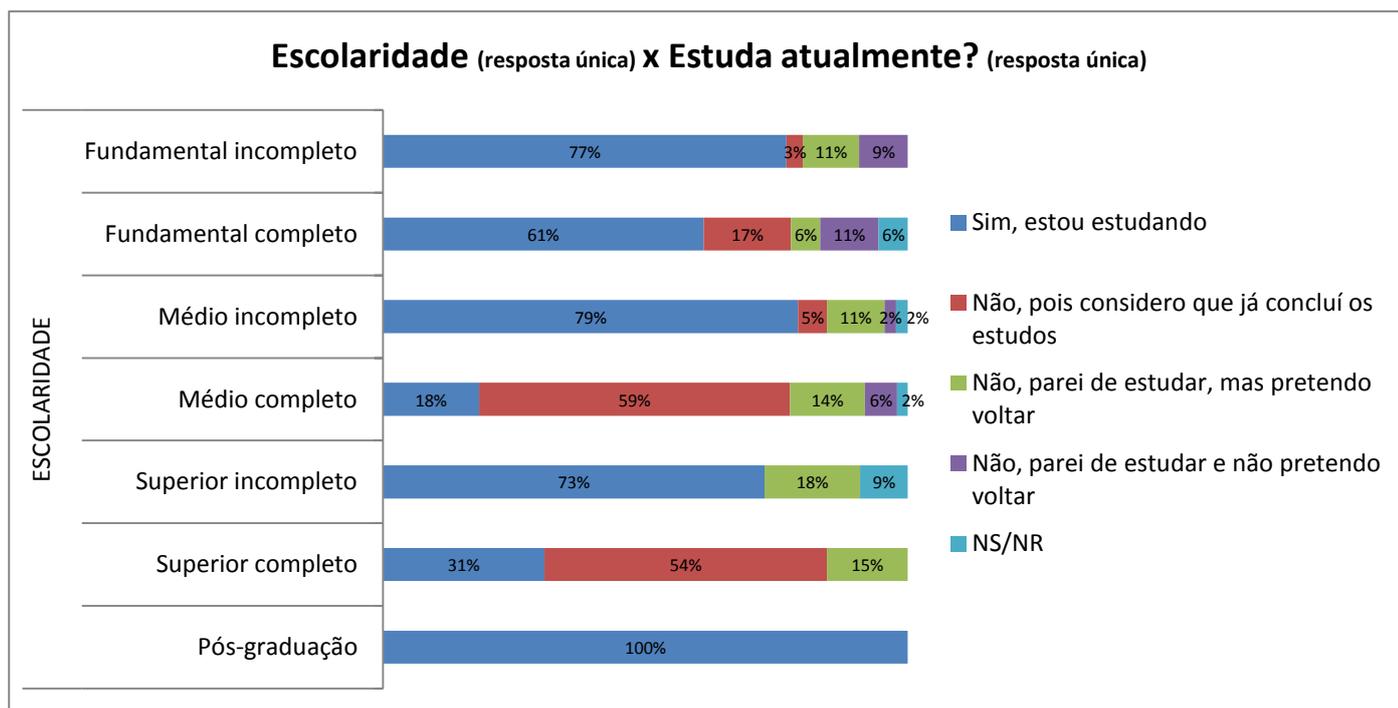
É possível perceber que a maior parte ainda estuda neste momento. Se somarmos a quantidade dos que declararam estarem estudando (63%) a dos que consideram ter concluído os estudos (18%), podemos dizer que 2 a cada 10 entrevistados interromperam seu processo de escolarização em alguma etapa de sua vida, mas a maior parte deles pretende voltar a estudar (11%).

Também é possível analisar as perspectivas dos entrevistados por idade:



Entre os adolescentes de 13 a 17 anos de idade, a grande maioria está estudando, o que pode ser considerado muito positivo. Em contrapartida, dentre os jovens de 18 a 24 anos podemos perceber que mais da metade das pessoas não estudam neste momento: 4 a cada 10 dos que estão nesta faixa etária consideram que já concluíram seus estudos, enquanto 2 a cada 10 não estão inseridos na rede de ensino, mas declararam que pretendem voltar.

Com o cruzamento entre os dados sobre a escolaridade alcançada e sobre se os jovens estão estudando ou pretendem voltar a estudar, temos as seguintes informações:

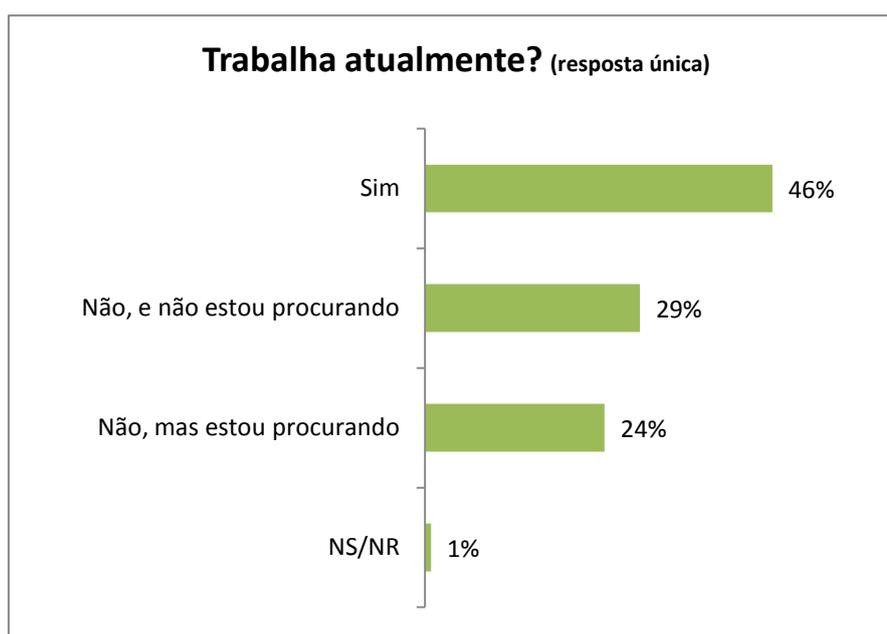


Entre os que têm o Ensino Fundamental incompleto, cerca de 2 a cada 10 não estudam atualmente, mas a metade deles declarou que pretende voltar. Preocupante mesmo é perceber que mais de 3 a cada 10 dos que possuem o Ensino Fundamental completo não estão estudando, sendo que 2 a cada 10 consideram que concluíram os estudos e 1 a cada 10 não pretende voltar a estudar.

Dentre os que possuem o Ensino Médio incompleto, a situação é relativamente melhor e semelhante a dos que tem o Ensino Fundamental incompleto: cerca de 8 a cada 10 estão estudando e, dos que não estão, a metade (ou 1 a cada 10) pretende retornar à sala de aula. Sobre os que já concluíram o Ensino Médio, chama a atenção ver que cerca de 6 a cada 10 consideram que concluíram os estudos – pode-se deduzir que, dentre este público não há, por algum motivo, a expectativa de fazer um curso superior neste momento.

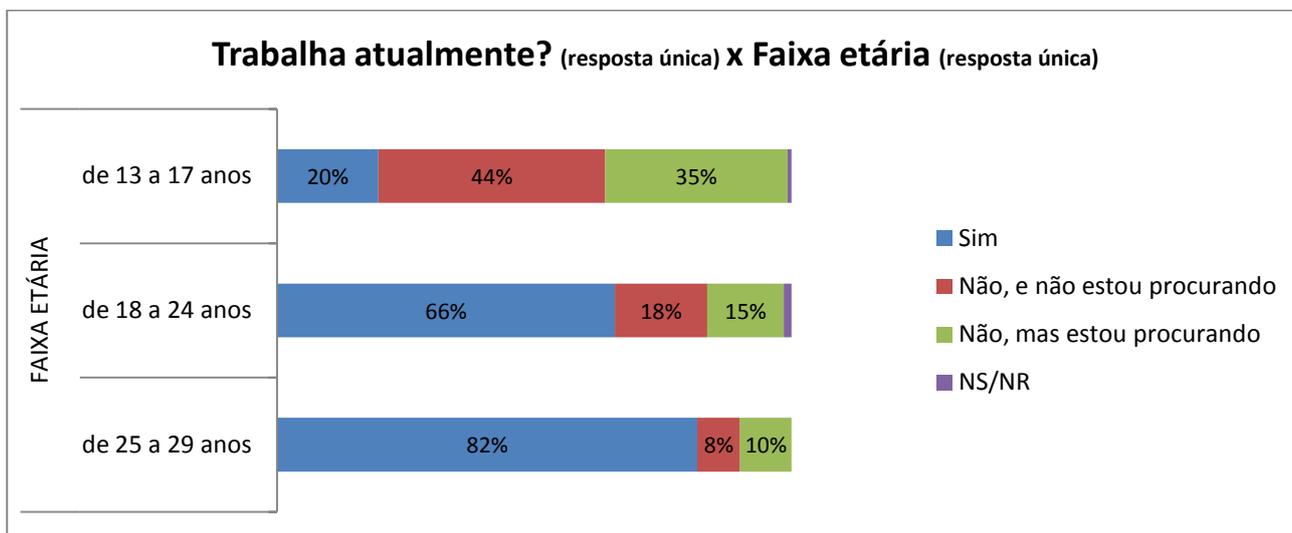
Dos que chegaram ao nível superior, mas não o concluíram, cerca de 7 a cada 10 estão estudando neste momento e 2 a cada 10 interromperam seus estudos, mas pretendem voltar. Dos que possuem nível superior completo, cerca da metade considera já ter concluído o processo formal de escolarização.

Ainda sobre o perfil dos entrevistados, estes foram consultados sobre sua atual situação quanto à empregabilidade:



Descobriu-se que praticamente metade do público consultado trabalha. Também é possível visualizarmos a informação dividida por faixa etária, além de, nos dois gráficos, sermos informados se apesar do jovem não estar trabalhando, procura por emprego atualmente:

Trabalha atualmente? (resposta única) x Faixa etária (resposta única)

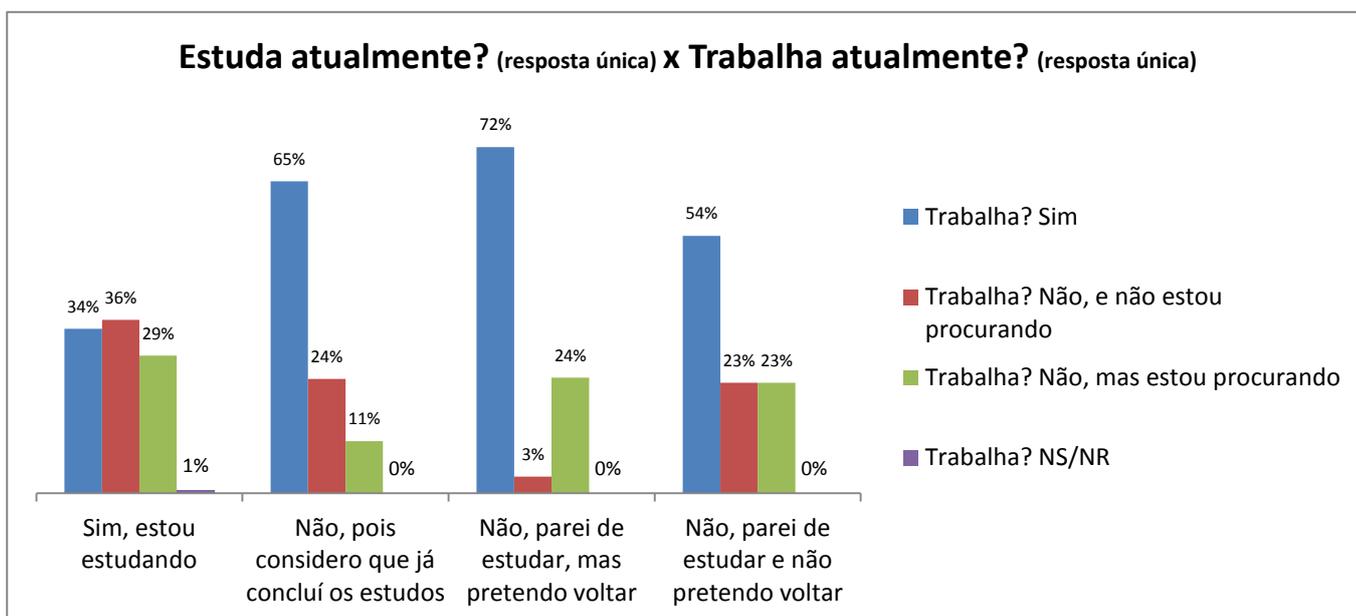


Vemos então que mais de 80% dos entrevistados na faixa dos 25 a 29 trabalham, sendo que 1 a cada 10 jovens deste público está na busca por um emprego. A parcela dos que procuram emprego entre 18 e 24 anos é bastante semelhante, mas percebe-se um aumento no número daqueles que não estão em busca de trabalho. Porém, é na faixa de 13 a 17 anos que se encontra a maior parte de jovens em busca de um emprego: quase 4 a cada 10 estão nesta situação.

Apesar da verificação de que muitos jovens com menos de 18 anos de idade procuram por trabalho, é importante destacar que quase metade (44%) informou que não trabalha e que não está procurando emprego atualmente. Vale lembrar também que isso é reflexo da legislação trabalhista brasileira, que determina ser proibido o trabalho a menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz – mesmo assim, somente a partir dos 14 anos completos.

A partir do cruzamento dos dados que indicam se os jovens trabalham atualmente ou não e se estão procurando, com os que apontam se estão estudando e se pretendem voltar ou não a estudar, foi possível ampliarmos o horizonte de análise sobre o grupo entrevistado:

Estuda atualmente? (resposta única) x Trabalha atualmente? (resposta única)



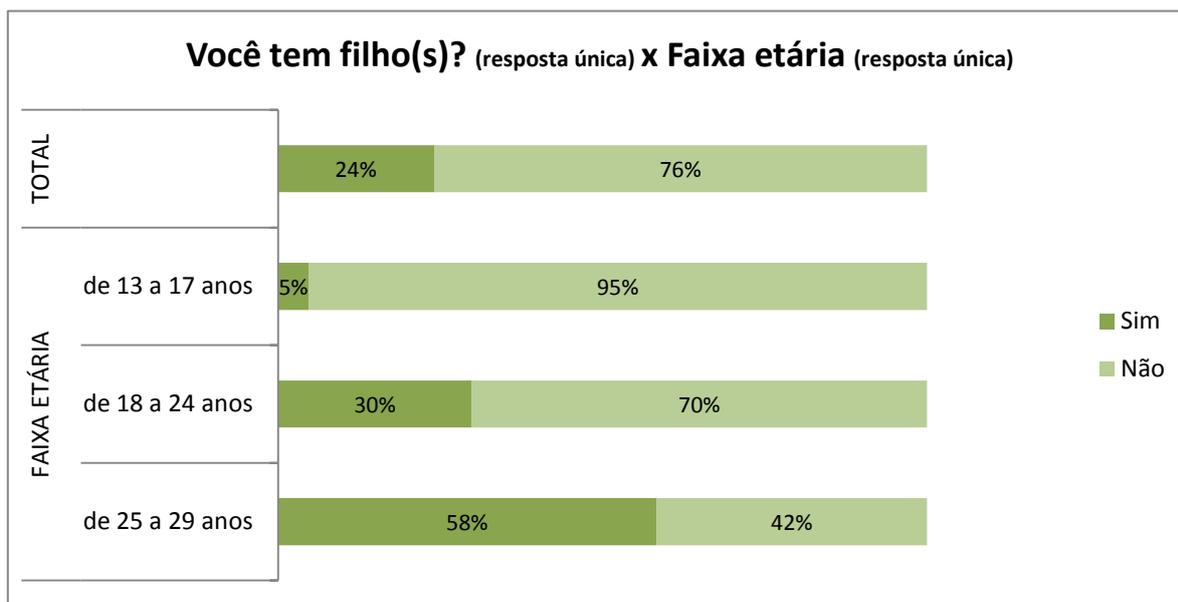
Sobre os jovens ouvidos que estão estudando neste momento, pode-se dividi-los em 3 grupos praticamente iguais, quais sejam, o dos que trabalham, o dos que não trabalham, mas estão procurando e o dos que não trabalham e não estão procurando.

A partir dos que disseram que não estudam, por considerarem que já concluíram os estudos, mais de 6 a cada 10 afirmaram que trabalha. Mais de 2 a cada 10 não trabalham e não estão procurando emprego e 1 a cada 10 não está trabalhando, porém busca por um emprego neste momento.

Sobre os que pararam de estudar, mas pretendem retornar à sala de aula, vemos que cerca de 7 a cada 10 trabalham. Mais de 2 a cada 10 nesta faixa não estão trabalhando, mas estão à procura de emprego.

Entre os que pararam de estudar e não pretende voltar, metade disse que trabalha. A outra metade se divide em outras duas partes: a dos que não trabalham, mas estão procurando e a dos que não trabalham e não estão procurando.

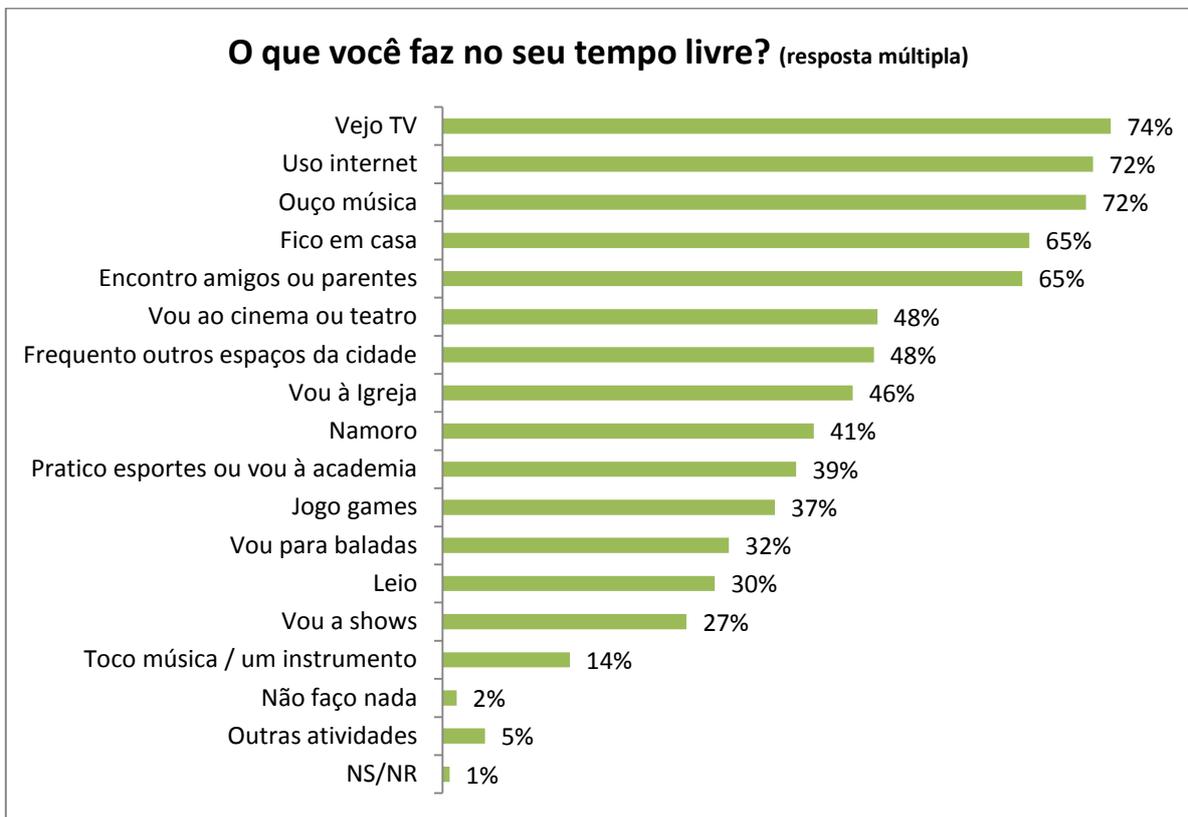
Finalizando a parte da consulta que procurava saber sobre o perfil dos entrevistados, foi perguntado se eles tinham filhos:



Aproximadamente um quarto dos jovens disse que tem filhos. Comparando por idade, vemos que a maior proporção de entrevistados que disseram “sim” estão na faixa dos 25 aos 29 anos, com 58%. O menor índice se encontra na faixa etária que vai dos 13 aos 17 anos de idade, com apenas 5% dos entrevistados declarando que já têm filhos.

LAZER, CULTURA E ATIVIDADES COTIDIANAS

Procurando saber as atividades que os jovens realizam por lazer e compreender quais oportunidades estão disponíveis em sua região de moradia, a primeira pergunta do questionário após as questões de perfil procurava saber o que o público entrevistado faz em seu tempo livre:



As quatro primeiras atividades mais citadas correspondem a práticas caseiras. Mais de 7 a cada 10 entrevistados declarou que assiste TV no seu tempo livre. A proporção das pessoas que afirmaram ver televisão é a mesma das pessoas que disseram navegar na internet e ouvir música.

Mais de 6 a cada 10 disseram também que ficam em casa (65%) ou encontram amigos ou parentes (65%).

A primeira alternativa que se refere necessariamente a realizar uma atividade fora de casa aparece somente na sexta posição, com quase metade (48%) do público ouvido dizendo que vai ao cinema ou ao teatro e a mesma proporção que afirmou frequentar outros espaços na cidade. A mesma proporção afirmou, também, que vai à igreja.

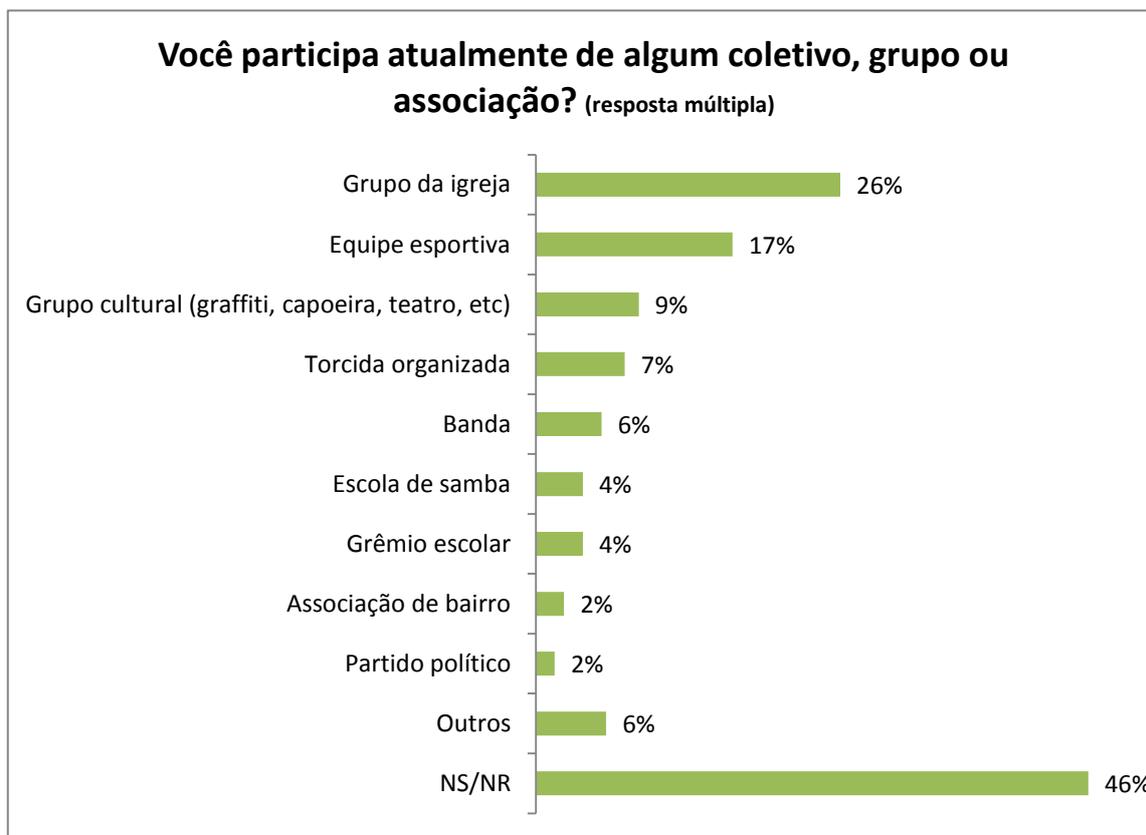
Aproximadamente 4 a cada 10 entrevistados declararam que praticam esportes ou vão à academia e também joga games no tempo livre.

Cerca de 3 a cada 10 declararam ir à balada (32%), ler (30%) ou ir a shows (27%) em suas horas vagas.

Das alternativas elencadas, a de tocar música ou algum instrumento foi a que teve menos indicação, com cerca de 1 a cada 10 pessoas ouvidas.

Vale lembrar que a resposta à pergunta do que o entrevistado faz em seu tempo livre era múltipla, ou seja, os jovens ouvidos poderiam assinalar várias questões que considerassem representar o que eles fazem em suas horas vagas.

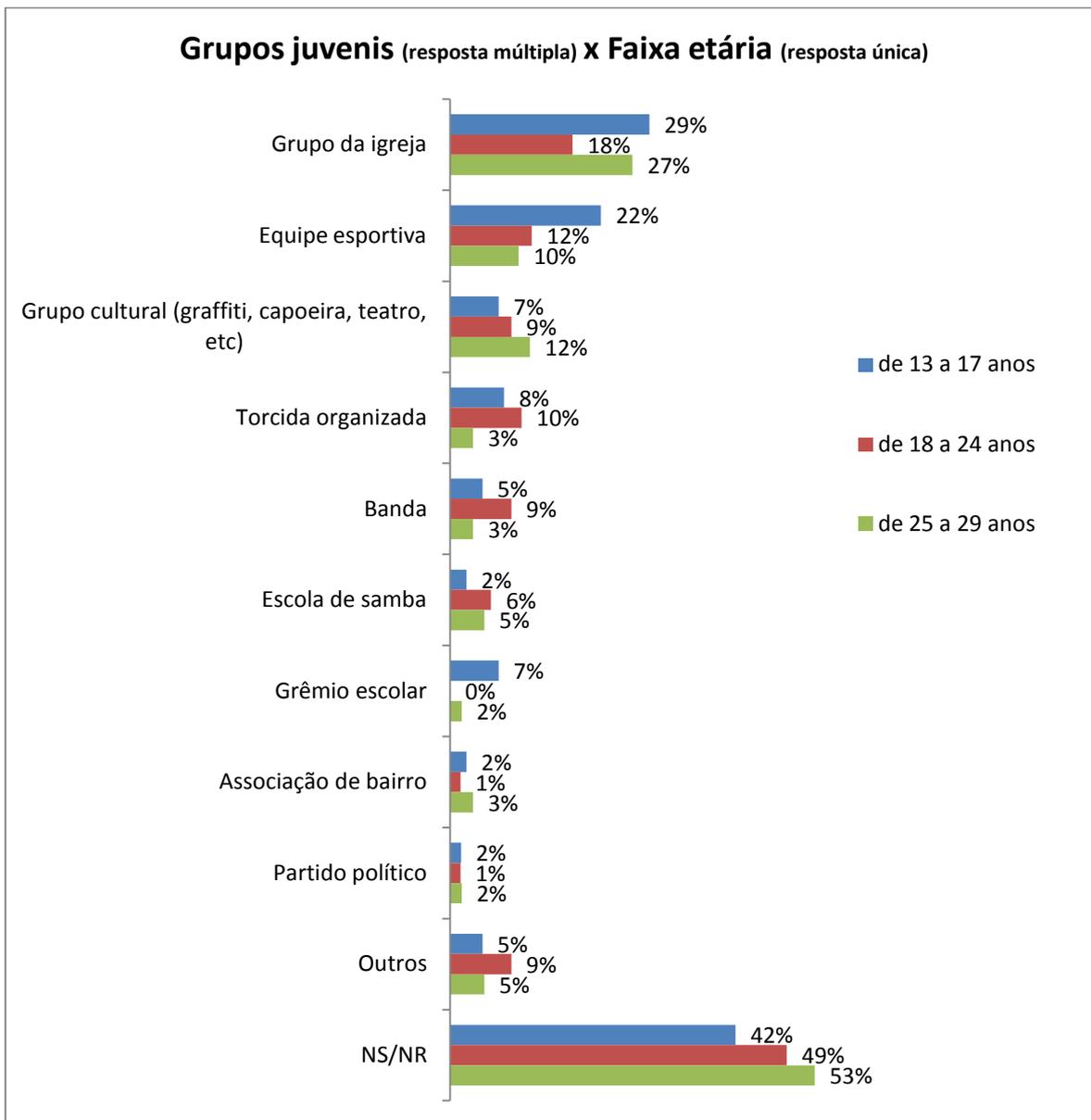
Para saber mais sobre o que os jovens vêm fazendo em seu dia a dia e os interesses em questões culturais, religiosas e de engajamento social, foi perguntado se eles participam atualmente de algum coletivo, grupo ou associação:



Cerca de um quarto dos entrevistados, ou seja, mais de 2 a cada 10, participa de algum grupo religioso, seguido de jovens que declararam serem integrantes de alguma equipe esportiva (17%). As demais opções apareceram todas com uma menor representatividade, mas é importante destacar que, além de dedicar-se às atividades religiosas e esportivas, 1 a cada 10 adolescentes e jovens entrevistados disseram participar de grupos culturais ligados à capoeira, graffiti, teatro e etc. (9%), de torcidas organizadas (7%) ou de alguma banda (6%). Chama a atenção o fato de que praticamente metade do universo de consultados não sabe ou não respondeu a pergunta – isto pode ser reflexo da falta de uma alternativa que represente os jovens não integrantes de coletivos, grupos ou associações.

Também é possível visualizar estas informações divididas pelas faixas etárias: sobre os jovens que participam de grupos vinculados a alguma igreja, é possível perceber que eles se encontram majoritariamente (cerca de 3 a cada 10) nas faixas etárias de 13 a 17 anos e de 25 a 29 anos, ante cerca de 2 a cada 10 que se encontram na faixa dos 18 aos 24 anos.

Dos que fazem parte de alguma equipe esportiva, percebemos que 2 a cada 10 se encontram na faixa de 13 a 17 anos, enquanto que nas outras duas faixas etárias somente 1 a cada 10 faz parte de algum grupo voltado à prática de esportes.



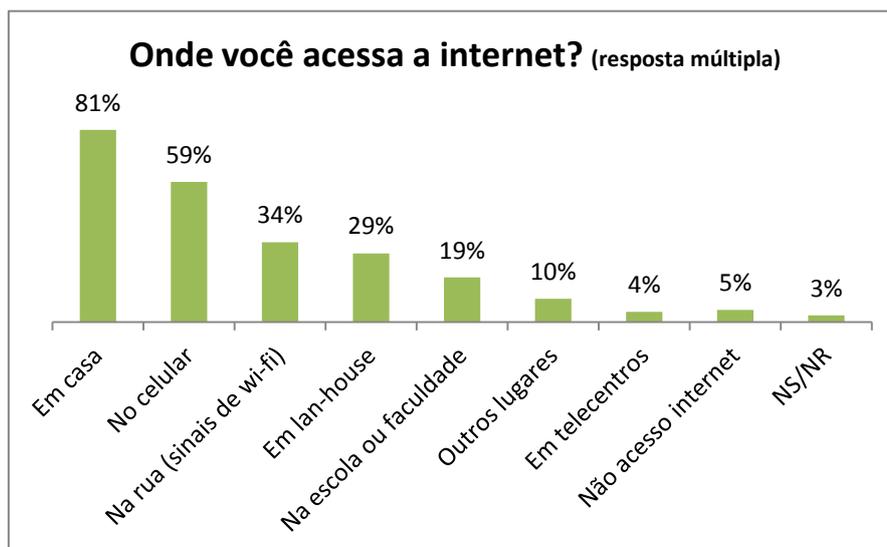
Em grupos culturais, como ligados ao teatro, capoeira e etc., percebemos que a participação sobe levemente conforme o aumento da faixa etária. Nas torcidas organizadas, em contrapartida, percebe-se uma concentração maior nas duas primeiras faixas etárias, abrangendo um público que vai dos 13 aos 24 anos.

A maior parte dos jovens ouvidos que são integrantes de alguma banda encontram-se na faixa dos 18 aos 24 anos. Aqui, não podemos excluir a hipótese de que estas bandas podem estar associadas, também, a grupos religiosos.

É também relevante perceber que os jovens ouvidos que declararam participar de grêmios estudantis se concentram na primeira faixa etária, de 13 a 17 anos.

Quanto ao já citado elevado índice dos que não souberam ou não responderam à questão, percebe-se que o público ouvido que se encontra na primeira faixa etária foi o que menos se enquadrou nesta alternativa – 4 a cada 10 ante 5 a cada 10 das outras duas faixas etárias.

A fim de descobrir quais os meios que podem facilitar a comunicação entre o Espaço Criança Esperança e seu público alvo, perguntou-se aos jovens de onde eles acessam a internet:



8 a cada 10 entrevistados disseram que acessam a internet de casa e 6 a cada 10 através do celular. A procura por sinais de wi-fi na rua é realizada por cerca de 3 a cada 10 jovens ouvidos – a tendência à busca já era observada pelo grupo de atuação nos debates de qualificação do tema.

Muitos ainda acessam a internet nas lan-houses, visto 3 a cada 10 entrevistados afirmarem que vão até estes estabelecimentos para tanto. 2 a cada 10 disseram também acessar a web na escola ou na faculdade. Somente 5% declarou não acessar a internet, reflexo da maciça ampliação do acesso à rede percebido nos últimos anos.

Seguindo a hipótese de que uma divulgação ampla, em diversos meios, seria necessária para que o público ficasse sabendo das atividades realizadas no bairro para o público jovem, procurou-se saber dos entrevistados qual era a maneira que eles mais ficam sabendo das atividades ou oportunidades que lhes interessam em seus bairros. Aos entrevistados foi solicitado que indicassem em primeiro, segundo e terceiro lugares os meios de comunicação através dos quais eles mais têm acesso a essas informações locais.

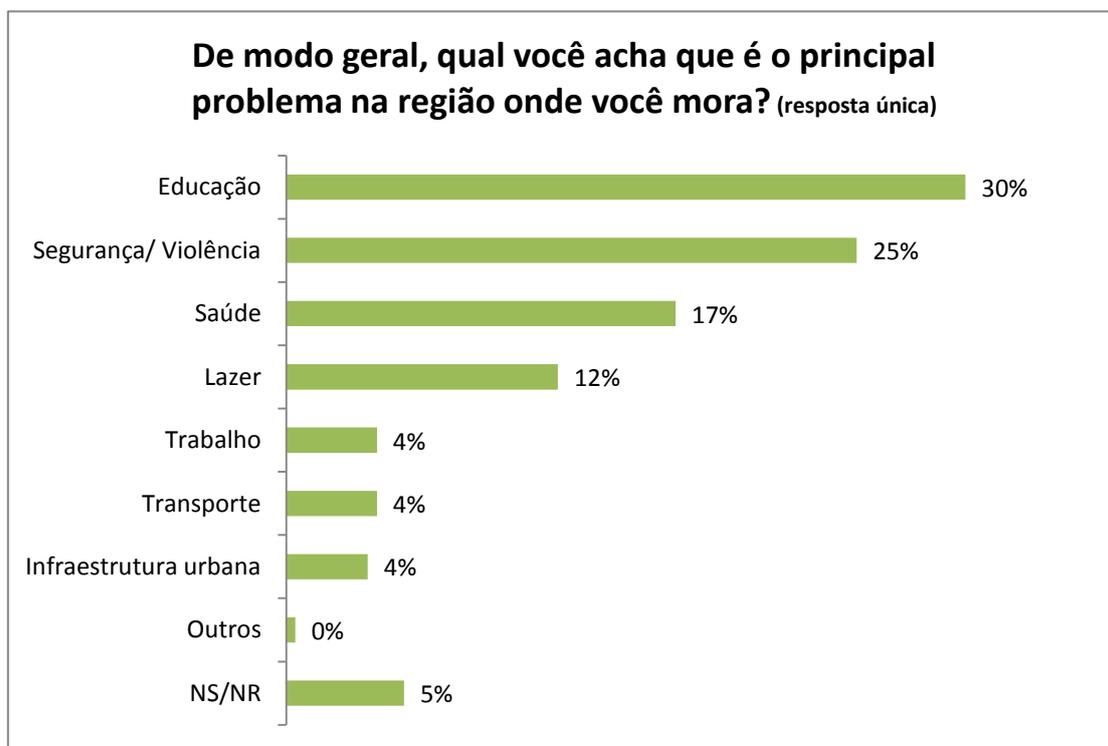
De qual maneira você MAIS fica sabendo das atividades ou oportunidades que te interessam NO SEU BAIRRO? (escolha de 3 opções)			
	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar
TV	43%	13%	11%
Boca a boca	21%	22%	15%
Facebook	20%	25%	23%
Jornais / Revistas	4%	9%	8%
Rádio	3%	11%	8%
Panfletos ou cartazes	2%	6%	9%
Twitter	2%	3%	3%
Sites com agendas culturais	1%	2%	1%
Instagram	0%	2%	2%
Outras redes sociais	0%	1%	2%
Sites de lugares que vou	0%	2%	6%
Não fica sabendo das atividades	2%	0%	2%
E-mail marketing	0%	0%	2%
NS/NR	1%	4%	8%

A TV foi o meio de comunicação que mais vezes foi apontado como sendo a principal fonte de informação sobre atividades ou oportunidades no bairro – mais de 4 a cada 10 jovens ouvidos disseram que é pela televisão que eles mais ficam sabendo sobre o que acontece na região onde moram. O Facebook foi o mais apontado em segundo e em terceiro lugar: em ambas as posições, aparece como a principal fonte de informação para mais de 2 a cada 10 entrevistados. Cabe indicar que outras redes sociais ou sites não são tão populares, não sendo indicadas significativamente em nenhuma posição. O boca a boca, que aparece em segundo lugar na mesma proporção dos entrevistados que disseram receber informações através do Facebook, indica que é por intermédio de outras pessoas que se fica sabendo do que acontece e do que é de interesse no bairro.

Com menor representatividade, mas ainda com um relevante grau de importância, aparecem meios tradicionais como o rádio e jornais ou revistas, com cerca de 1 a cada 10 jovens ouvidos os colocando em 2º e 3º lugares. Panfletos ou cartazes aparecem como alternativas potenciais para divulgação de atividades e oportunidades do bairro, tendo sido indicados em terceiro lugar por quase 1 a cada 10 pessoas consultadas.

DESAFIOS, DEMANDAS E PERSPECTIVAS PARA O BAIRRO E PARA OS JOVENS

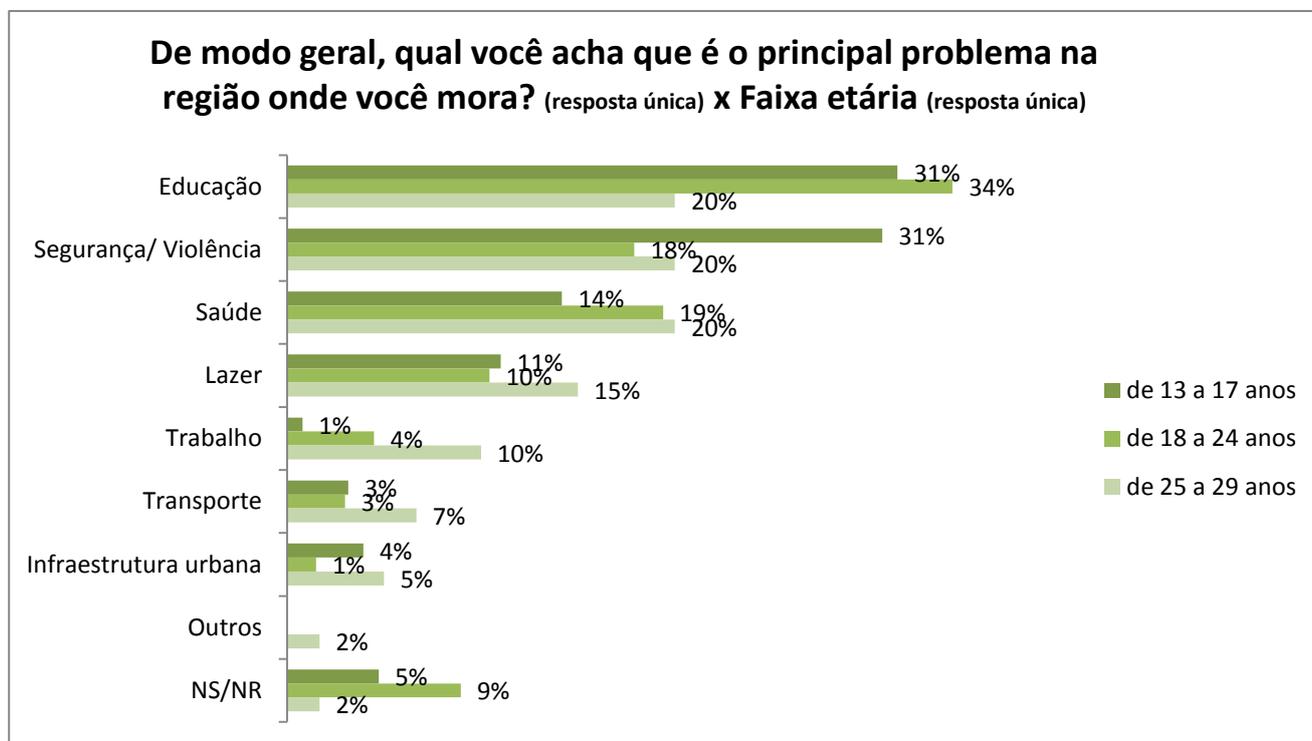
Para entender qual a percepção dos jovens em relação aos problemas dos bairros onde moram, perguntou-se qual área estes consideram mais deficitária na região.



A educação foi apontada como maior problema local por 3 a cada 10 jovens ouvidos. Uma proporção um pouco menor disse que a segurança é o item mais problemático.

A saúde aparece em terceiro lugar com quase 2 a cada 10 pessoas sinalizando que este é o maior problema do bairro onde mora, ao passo que cerca de 1 a cada 10 jovens entrevistados apontaram ser o lazer (ou a falta dele) a problemática principal.

É interessante analisarmos as opiniões sobre os problemas no bairro por faixa etária:



Separando por faixa etária, é possível diagnosticar que algumas percepções acerca dos problemas mudam. Por exemplo, enquanto na faixa de 13 a 24 anos a educação é o principal problema para mais de 3 a cada 10 consultados, na faixa dos 25 aos 29 anos ela é deficitária para apenas 2 a cada 10. Isso pode indicar que uma parcela dos jovens respondeu levando em conta suas experiências pessoais, visto que na faixa etária dos 25 a 29 anos se concentra boa parte do público que considera já ter concluído os estudos e, portanto, não sente mais a educação como um problema tão relevante quanto os mais novos.

O mesmo fenômeno pode explicar o fato de que 1 a cada 10 jovens ouvidos que se encontram na faixa dos 25 aos 29 anos sentem que o principal problema do bairro onde moram é o trabalho, área que não aparece com igual ênfase nas faixas etárias menores. Vale lembrar que entre os jovens mais novos a proporção dos que se consideram desempregados ou em busca de emprego era menor do que na faixa dos 25 ao 29 anos.

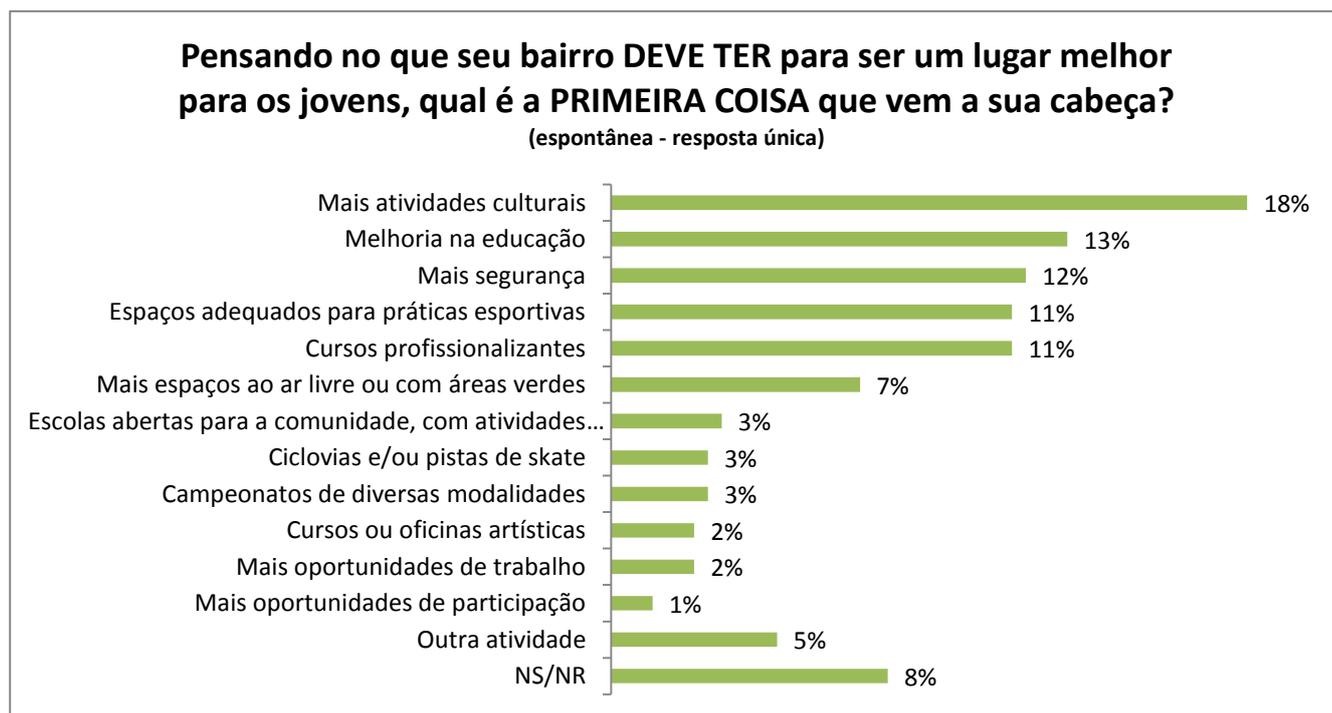
É possível identificar que a demanda por lazer entre os entrevistados de todas as idades é relativamente uniforme.

Sobre a percepção dos jovens entrevistados acerca dos maiores problemas da região onde moram, segue resultados que dividem as opiniões segundo o sexo do público ouvido:



Com exceção da problemática sobre a Segurança/Violência (2 a cada 10 ouvidos do sexo masculino creem que esta é a principal problemática, ante 3 a cada 10 do sexo feminino), não vemos significativa relevância entre as opções dos homens e das mulheres ouvidas nesta *consulta participativa de opinião* quanto à percepção sobre o principal problema na região onde moram.

Ainda tentando entender os desafios dos bairros nas demandas específicas para o público jovem, aos entrevistados foi solicitado que dissessem, de maneira espontânea, a primeira coisa que viesse à cabeça quando pensassem no que o bairro deveria ter para ser um lugar melhor para os jovens.



“Mais atividades culturais” foi a opinião mais popular, entre todos os consultados, para tornar o bairro um lugar melhor para a juventude: quase que 2 em cada 10 jovens responderam espontaneamente a esta alternativa. Quatro alternativas foram elencadas por cerca de 1 a cada 10 entrevistados: “melhoria na educação”, “mais segurança”, “espaços adequados para práticas esportivas” e “cursos profissionalizantes”. Também teve relevância significativa “mais espaços ao ar livre com áreas verdes”, com 7% dos entrevistados apostando nela para um bairro melhor para os jovens.

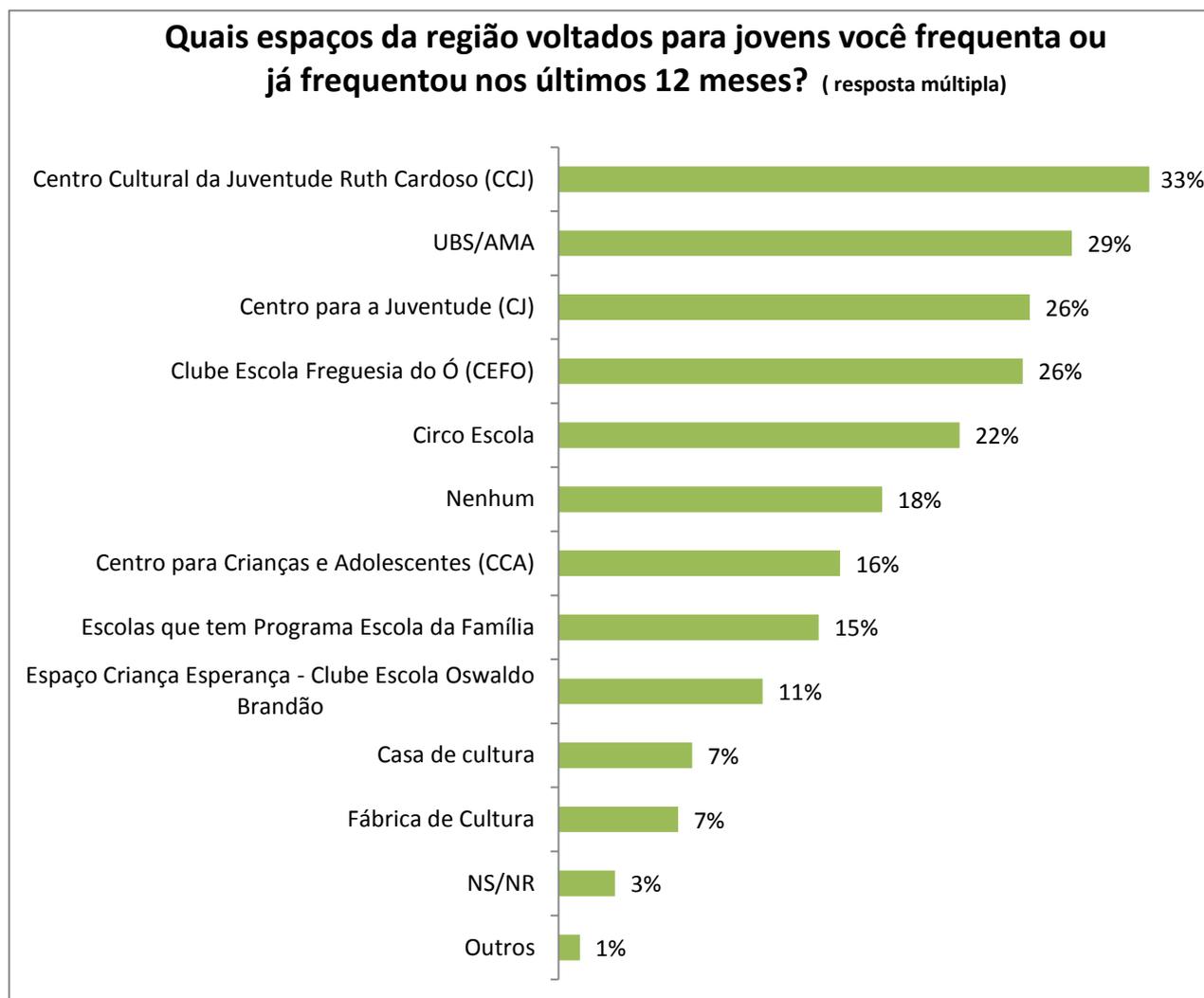


Analisando as alternativas por faixa etária, percebemos que a que alavancou o desejo por “mais atividades culturais” foi a de 18 a 24 anos. Mais uma vez, o público que se encontra na 3ª faixa etária não foi o principal responsável por puxar opções que versam sobre educação, visto que a maior parte das respostas para “melhoria na educação” partiu das duas primeiras faixas etárias.

Chama a atenção o fato de a faixa de 13 a 17 anos ser a que mais indicou a necessidade de ter mais segurança, com mais de 1 a cada 10 consultados. A mesma proporção desta faixa de idade também apostou na alternativa de que mais espaços adequados para a prática esportiva faria do bairro um lugar melhor para eles.

A opção por cursos profissionalizantes é percebida principalmente entre aqueles com mais de 18 anos, muito provavelmente devido ao fato de serem jovens que já adentraram no mercado de trabalho ou que estão em busca de seu primeiro emprego. Da mesma forma, a opção por mais oportunidades de trabalho, sequer mencionada entre os menores de 18 anos, foi majoritariamente levantada pelos entrevistados de 25 a 29 anos.

Procurou-se saber quais os espaços voltados para a juventude estavam sendo frequentados pelos entrevistados no processo de *consulta participativa de opinião*.



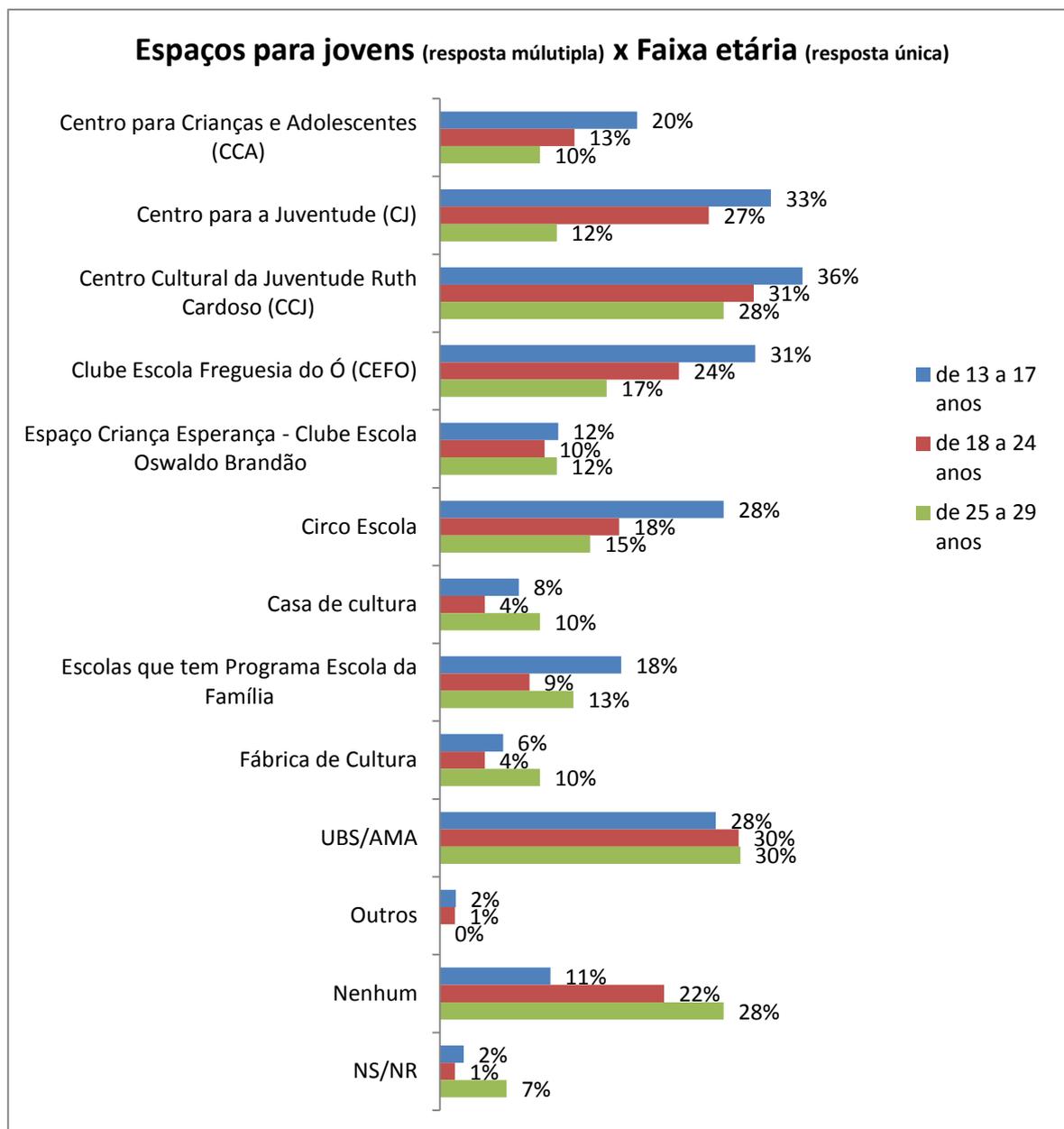
O Centro Cultural da Juventude (CCJ) foi o mais apontado pelos entrevistados, sendo que 3 a cada 10 deles indicam ter frequentado este espaço no último ano. Uma proporção parecida chegou a ir a uma UBS ou a algum AMA para atendimentos na área da saúde.

Uma parcela muito significativa dos entrevistados frequenta ou frequentou os Centros para a Juventude (CJ): mais de 2 a cada 10 ouvidos. Esse dado é reflexo do fato de os jovens do grupo de atuação serem frequentadores do mesmo serviço, oferecido em diversas regiões pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS). Uma proporção igual disse ter ido, nos últimos 12 meses, ao Clube Escola Freguesia do Ó (CEFO), e um número um pouco menor declarou ter ido ao Circo Escola no período.

Pouco menos de 2 a cada 10 jovens ouvidos declararam não frequentar nenhum espaço dedicado a atividades para a juventude. Um número um pouco menor de entrevistados disse ter ido a algum Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) ou a alguma escola que tinham atividades ligadas ao Programa Escola da Família no último ano.

O Espaço Criança Esperança, não muito popular entre o público entrevistado, foi indicado por apenas 1 a cada 10 jovens ouvidos pelo grupo de atuação.

É possível visualizarmos estes resultados por faixa etária:



Sobre os CCAs e os CJs, é previsto que as faixas etárias que mais frequentem estes serviços sejam as duas primeiras, visto que o público alvo destes programas é de até os 14 anos e 11 meses para os CCAs e de 15 à 17 anos e 11 meses para os CJs. Cabe expor aqui também que, até meados de 2010, os CJs atendiam jovens de até 24 anos de idade, mas, a partir da publicação de uma portaria municipal naquele ano, as entidades tiveram de se adequar e começaram a atender somente até a idade já informada. Contudo, é comum vermos jovens que se desligam desses serviços e, de alguma forma, conseguem continuar frequentando algumas atividades que ocorrem no decorrer do ano, o que pode explicar a presença de faixas etárias maiores e/ou menores ligadas aos dois programas.

Quanto ao Centro Cultural da Juventude (CCJ), percebemos que é um local frequentado por todas as faixas etárias que abrangem o universo de entrevistados nesta consulta, quase que na mesma proporção – cerca de 3 a cada 10 jovens ouvidos.

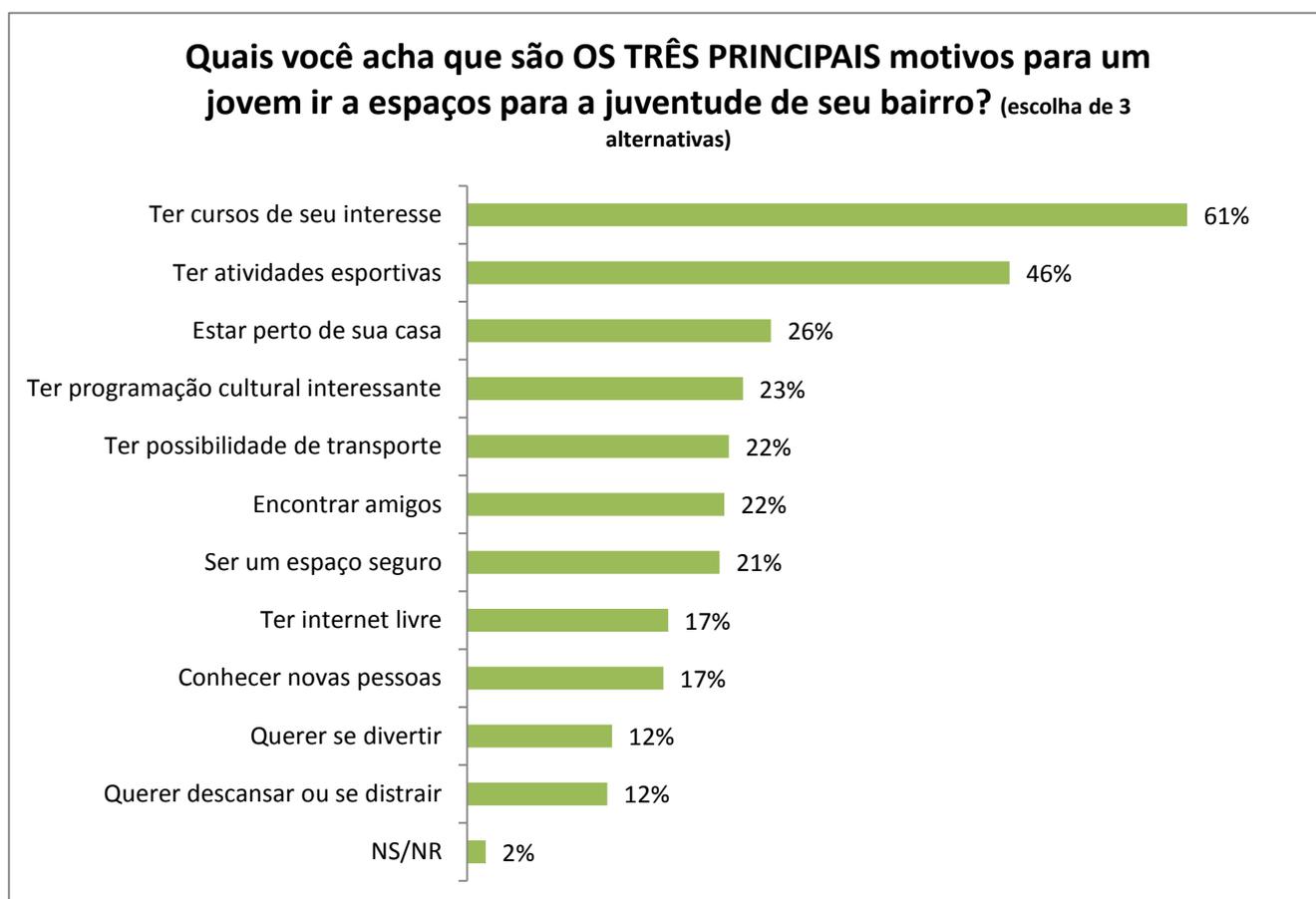
O Clube Escola Freguesia do Ó tem uma frequência de 3 a cada 10 jovens da primeira faixa etária que frequentaram o espaço nos últimos 12 meses. O número de entrevistados vai caindo entre os grupos etários, até chegar na proporção de cerca de 2 a cada 10 na faixa de 25 a 29 anos.

O Espaço Criança Esperança tem uma proporção parecida entre as 3 faixas etárias, com 1 a cada 10 adolescentes e jovens ouvidos dizendo que foi até lá no decorrer do último ano.

Quanto ao Circo Escola, percebe-se uma frequência maciça entre os adolescentes que compõem a primeira faixa etária, com cerca de 3 a cada 10 deles dizendo que foram naquele espaço. Nas duas faixas etárias superiores, abrangendo dos 18 aos 29 anos, temos de 1 a 2 afirmando que foram ao local.

Chama à atenção a frequência que o público ouvido vai até algum AMA ou UBS: cerca de 3 a cada 10 afirmaram ter ido até esses espaços nos últimos 12 meses, em todas as faixas etárias. Fica aqui a indagação sobre se estes adolescentes e jovens buscaram atendimento médico, somente, ou se alguns também foram até essas unidades para assistirem palestras ou participarem de programas específicos para atendimento ao público jovem.

Após serem questionados sobre os lugares que eles vêm frequentando nos últimos 12 meses, o grupo de atuação investigou os motivos que levam os jovens a frequentarem espaços como esses.



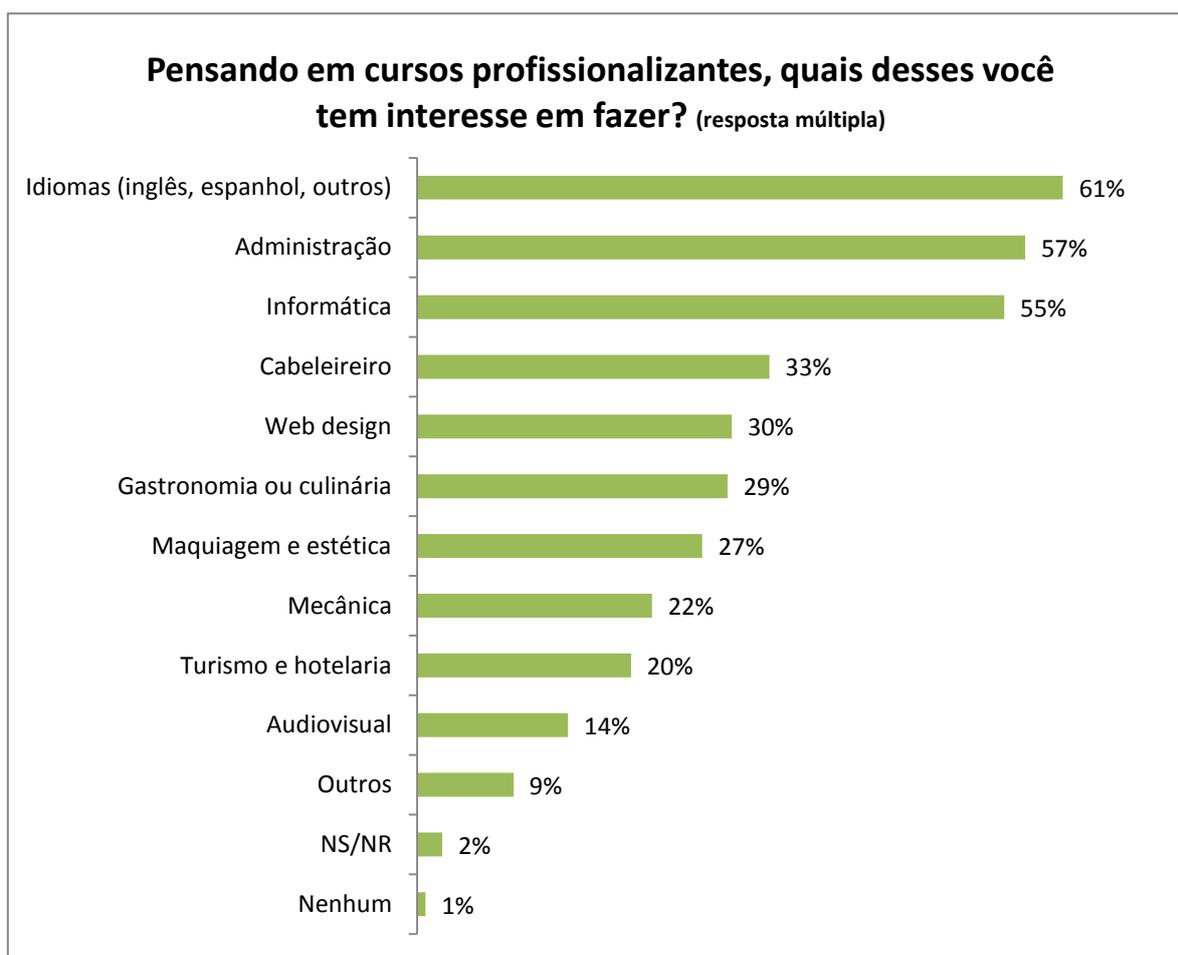
Oferecer cursos de interesse foi apontado por cerca de 6 a cada 10 consultados como principal fator de motivação para eles ou outros jovens irem a espaços destinados à juventude. Quase metade do público ouvido declarou que “ter atividades esportivas” levaria mais jovens a procurarem um espaço

em seu bairro, deixando esta opção, portanto, como a segunda mais motivadora dentre as elencadas na questão.

A proximidade com a residência, seja geograficamente ou minimizando o deslocamento com auxílio de um meio de transporte, teve grande relevância, visto que mais de 2 a cada 10 entrevistados responderam que os motivaria a frequentar um espaço destinado à juventude em seu bairro. Uma proporção igual respondeu que os motivaria “ter programação cultural interessante”. A respeito desta opção, podemos pensar que os cursos, elencados como principal fator motivacional, poderiam ser não só de natureza profissionalizante, mas também ligados à atividades culturais. Além disso, corrobora a hipótese do grupo de que, para o jovem frequentar o Espaço Criança Esperança, seria preciso oferecer cursos, tanto tradicionais quanto ligados à cultura.

São também motivadoras as possibilidades de “encontrar amigos” e de “ser um espaço seguro” para cerca de 2 a cada 10 entrevistados. Opções que foram pouco populares são “ter internet livre” e ter a possibilidade de “conhecer novas pessoas”.

Pensando na relevância do oferecimento de cursos em equipamentos destinados ao público juvenil, as próximas duas questões procuravam descobrir quais as preferências dos jovens entrevistados dentre vários cursos profissionalizantes e culturais.



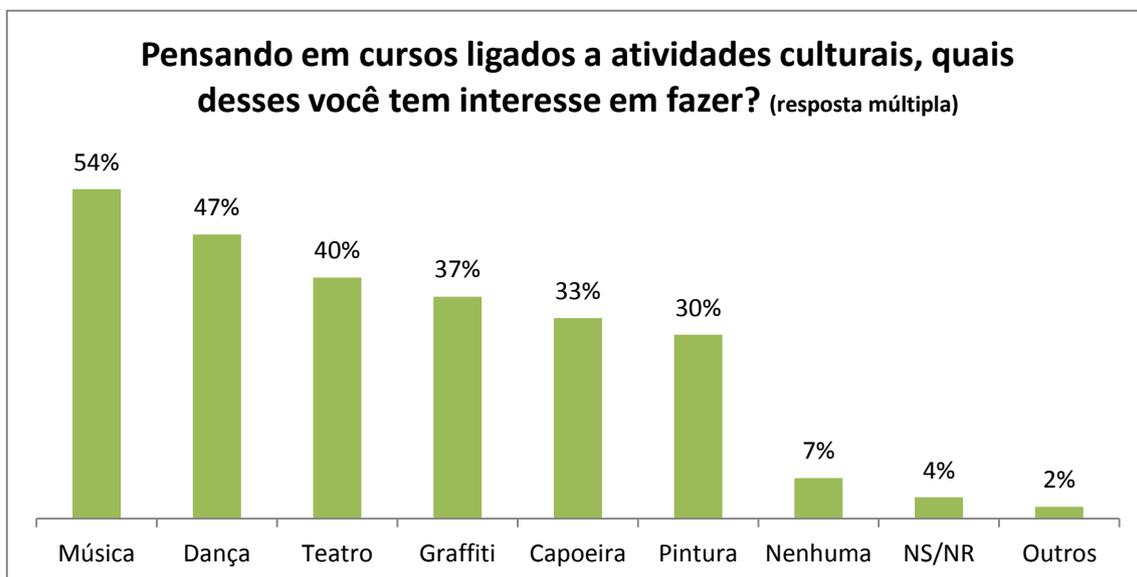
Os cursos de idiomas foram os mais apontados pelos entrevistados como preferidos dentre os listados, com 6 a cada 10 jovens demonstrando interesse por cursá-los. Mais da metade do público

ouvido manifestou interesse em cursos profissionalizantes voltados às áreas de Administração (57%) e de Informática (55%), completando a lista dos três cursos preferidos pelo universo de consultados.

Um pouco mais atrás, sendo as opções de cerca de 3 a cada 10 jovens ouvidos, temos a preferência por cursos de cabelereiro (33%), de web design (30%), de gastronomia ou culinária (29%) e de maquiagem e estética (27%). 2 a cada 10 demonstraram interesse em cursos ligados à área de mecânica (22%) e turismo e hotelaria (20%).

Quando analisados os interesses pelos cursos por gênero, não há variações significativas entre homens e mulheres, exceto em relação a duas áreas: área de maquiagem e estética, indicada por 25% delas contra 3% deles; mecânica, escolhida por quase 4 a cada 10 homens contra mais de 2 a cada 10 mulheres.

Não mais relacionados a cursos profissionalizantes, os jovens entrevistados também foram ouvidos sobre seus interesses quanto a cursos para atividades culturais.



Cerca de metade dos jovens entrevistados na *consulta participativa de opinião* demonstra ter mais interesse em cursos ligados à música e à dança: são os dois que eles mais têm interesse em cursar. No que diz respeito a diferenças entre gêneros, a música é universal, mas a dança é preferida entre mulheres (45% mulheres e 35% homens). Cursos voltados ao teatro atraem 4 a cada 10 jovens ouvidos. Cabe indicar que o grupo de atuação era formado, também, por muitos adolescentes que manifestaram já ter algum vínculo com o universo do teatro, principalmente através de cursos oferecidos nos Centros para Juventude (CJs).

Mais de 3 a cada 10 jovens consultados manifestaram interesse em fazer cursos de graffiti e capoeira, sendo que a proporção de homens (50% graffiti e 45% capoeira) é pouco maior do que a de mulheres (41% graffiti e 33% capoeira). Esse dado tem as mesmas proporções quando o curso é relativo à pintura, mas no inverso quanto ao gênero: 32% mulheres e 26% homens.

Para avaliar a hipótese de que o ECE deveria oferecer também atividades esportivas, procurou-se verificar as preferências dos jovens consultados dentre diversas modalidades.

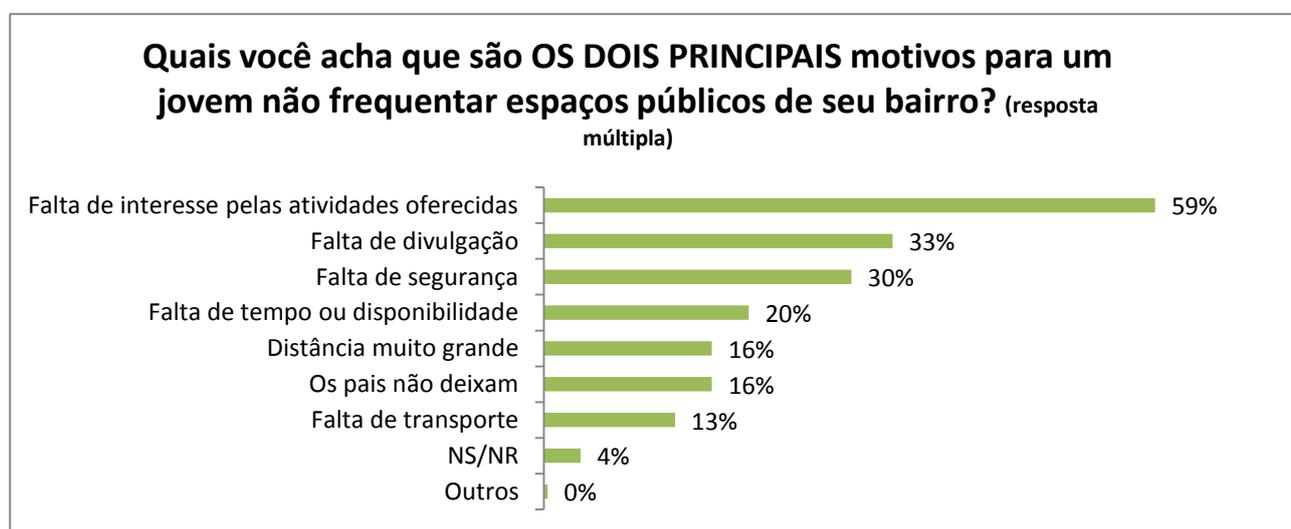


Quase 6 a cada 10 jovens ouvidos se interessam pela prática do futebol, ficando este esporte em primeiro lugar dentre os listados, especialmente entre os homens (82% dos homens contra 60% das mulheres), fato este que não é novidade no contexto brasileiro. É interessante constatar, porém, que depois da preferência pelo vôlei, demonstrada por 5 a cada 10 jovens ouvidos, especialmente entre mulheres (49% mulheres contra 34% homens), o interesse pelas atividades esportivas praticadas na rua é a preferência de quase 4 a cada 10 entrevistados – o que pode ser indicativo da falta de ambientes para a prática esportiva nos bairros nos quais os jovens respondentes moram, bem como ilustrativo de como a rua é um importante espaço de sociabilidade para os jovens.

Entre 3 e 4 a cada 10 pessoas ouvidas pela consulta tem a preferência por modalidades esportivas ligadas às lutas, especialmente entre homens (47% homens contra 37% mulheres), o que pode estar vinculado à recente visibilidade que a prática vem ganhando na mídia. Uma parcela aproximada declarou ter interesse pelo Handebol.

O interesse pelo skate é declarado por praticamente 3 a cada 10 jovens entrevistados, sem diferenças entre gêneros, parcela semelhante à dos que gostam de basquete.

Ao mesmo tempo em que o grupo de atuação procurou saber o que pode fazer os jovens frequentarem espaços para juventude, decidiu-se que seria interessante averiguar o que os afasta de lugares públicos.



A “falta de interesse pelas atividades oferecidas” foi apontada como o principal motivo para um jovem não frequentar espaços públicos de seu bairro, com cerca de 6 a cada 10 entrevistados apontando este item. Em torno de 3 a cada 10 declararam que a falta de divulgação e a falta de segurança são outros potenciais motivos para afastar os jovens das atividades realizadas em espaços públicos.

Do público entrevistado procurou-se saber, também, quais eram suas perspectivas para o futuro.



As alternativas elencadas em primeiro lugar acabaram por configurar uma mescla entre a cultura do consumo, frequentemente associada à juventude, e o sonho clássico do cidadão brasileiro: para 8 a cada 10 entrevistados, “comprar algo novo” e “ter minha própria casa” são os planos para os próximos 4 anos.

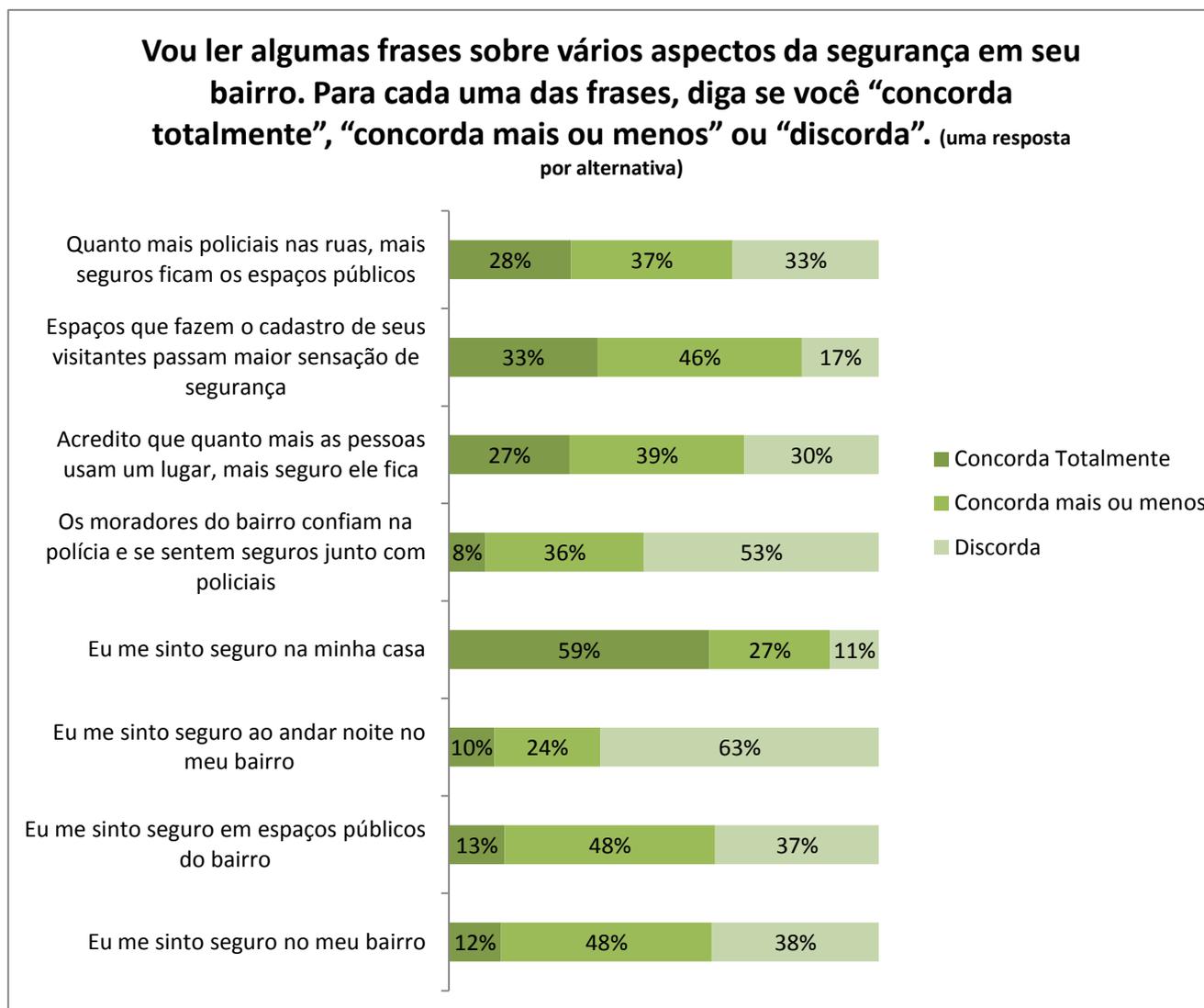
Entre 6 e 7 a cada 10 jovens ouvidos querem fazer faculdade e ajudar os pais em casa nos próximos anos. As questões que se referem ao universo do trabalho foram elencadas por cerca de 6 a cada 10 jovens: eles pretendem começar a trabalhar ou arrumar um trabalho melhor.

Abaixo destas primeiras alternativas ficaram os itens relativos a relacionar-se e constituir família: entre 4 e 5 a cada 10 entrevistados pretendem “começar a namorar”, “casar” e “ter filhos” nos próximos 4 anos.

Um a cada 4 jovens pretendem, nos próximos anos, fazer um projeto social no bairro onde moram.

SENSAÇÃO DE SEGURANÇA E PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA

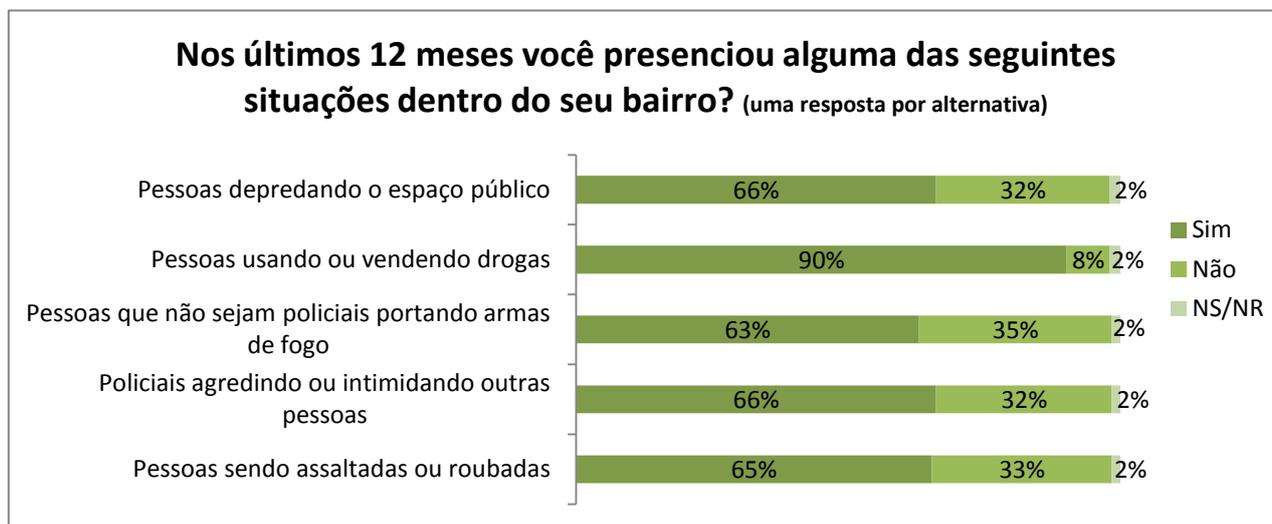
Embora não seja o principal motivo apontado pelos entrevistados para jovens deixarem de frequentar certos espaços, coloca-se aqui em evidência a questão da violência (ou da falta de segurança), ratificando a existência de uma hipótese do grupo de atuação que se remete diretamente a este problema. Por ser uma temática muito debatida nos encontros com o grupo de atuação, uma questão que foca diretamente este assunto também foi feita na consulta.



Uma questão que foi fortemente debatida entre o grupo de atuação nas oficinas foi a de que a existência de um cadastro para os visitantes do Espaço Criança Esperança traria uma maior sensação de segurança para o público. Podemos deduzir que ao público entrevistado isto também não é unânime, visto que quase metade do público concorda mais ou menos com a iniciativa.

Porém, sobre a percepção da violência no bairro, podemos dizer que a sensação de segurança entre o público que foi ouvido pela consulta é muito baixa. Metade das pessoas que respondeu ao questionário discorda da afirmação de que “os moradores do bairro confiam na polícia e se sentem seguros junto com policiais” e concordam mais ou menos com as proposições “eu me sinto seguro em espaços públicos do bairro” e “eu me sinto seguro no meu bairro”. Além disso, cerca de 6 a cada 10 jovens ouvidos discordaram da afirmação “eu me sinto seguro ao andar a noite no meu bairro”.

A questão anterior, portanto, remete à sensação de segurança existente nos bairros onde moram os jovens ouvidos pela consulta participativa. Na pergunta seguinte a temática se aproxima um pouco mais, física e visualmente, do dia a dia dos entrevistados. O público consultado foi questionado sobre situações de violência e depredação do espaço público que eles teriam presenciado nos últimos 12 meses em seu bairro:



Como é possível observar, mais de 6 a cada 10 jovens disseram ter presenciado nos últimos 12 meses as seguintes situações dentro de seus bairros: “pessoas depredando o espaço público”, “pessoas que não sejam policiais portando armas de fogo”, “policiais agredindo ou intimidando outras pessoas” e “pessoas sendo assaltadas ou roubadas”.

Quanto à venda ou uso de drogas na região onde moram, 9 a cada 10 jovens disseram que já presenciaram esta situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das discussões sobre até qual idade podemos nos considerar jovens, passando pela descoberta de que “aqui na Brasilândia tem bairro pra caramba!”, até as oficinas de análise da *consulta participativa de opinião*, os 28 jovens que compuseram o grupo de atuação puderam, nas palavras deles: “adquirir conhecimentos”, encontrar “maneiras mais objetivas e mais fáceis para se expressar”. E, mais do que isso, realizaram coletivamente um processo de construção de conhecimento.

Muito se descobriu com o processo de PerguntAção, como por exemplo que muitos jovens hoje tem acesso à internet, inclusive através de sinais de wi-fi na rua. Os jovens do grupo de atuação apostaram nisso, formularam perguntas para saber se isso era de fato presente na vida de outros jovens vizinhos de bairro e, de uma forma ou de outra, perceberam o quanto são parecidos.

Outra descoberta, importante para pensar estratégias de divulgação também envolve a internet: nada é tão acessado pelos entrevistados para saber de atividades que acontecem no bairro quanto o Facebook, deixando outras redes sociais (Twitter, Instagram, etc.) e até mesmo sites de divulgação de atividades culturais para trás. Além da internet ratificou-se a hipótese do grupo de

atuação de que a divulgação boca a boca é uma estratégia quase tão forte quanto o Facebook. Ambas as estratégias apontam que bons espaços de divulgação são aqueles que envolvem as pessoas enquanto agentes dessa publicação.

A articulação com outros equipamentos da região, como Centros para a Juventude (CJs), é relevante não apenas na divulgação de atividades, mas também na hora de pensar no que será desenvolvido: se a demanda pelos cursos profissionalizantes mais indicados (idiomas, administração e informática) já são oferecidos em algum equipamento, vale pensar os outros lugares como espaços que oferecem o diferente, evitando também ser visto como concorrência dos outros equipamentos ou instituições, e salientando seu papel de atuação complementar.

As demandas e interesses apontados pelos jovens, tanto do grupo de atuação como pelo público entrevistado, são diversas. Mas são três áreas centrais as que mais surgem quando o assunto é tornar um bairro melhor para os jovens:

- Lazer, cultura e esportes
- Educação e profissionalização
- Segurança

O que fica claro é que os jovens estão preocupados com o futuro, ao mesmo tempo em que também visam seu entretenimento e a busca por conhecimentos não escolares. Quando conseguem unir a vida profissional a seus gostos culturais melhor ainda: percebe-se que há demanda por cursos profissionalizantes e também ligados à cultura. Essa dicotomia se reafirma quando os principais motivos para os jovens irem aos espaços de juventude são “ter cursos de interesse” e “ter atividades esportivas”, bem como quando o principal motivo para deixar de ir aos espaços públicos é antes a falta de interesse por aquilo que é oferecido do que problemas de divulgação e segurança.

No que toca à segurança é assustador o grande contato que este público jovem tem com situações de violência, seja ela por membros da comunidade ou pela própria polícia. Os jovens se mostram preocupados com a segurança, mas notou-se que este não é o principal motivo para afastá-los de atividades em espaços públicos ou para juventude. E ao contrário do esperado pelo grupo de atuação, estratégias como o cadastro de frequentadores e aumento de policiamento não são tão populares.

Os jovens que tiveram a oportunidade de compor este animado grupo de atuação se mostraram tão envolvidos com o processo que ao final, como estratégia de divulgação dos resultados, chegaram a elaborar um RAP que conta um pouco dos dados levantados. Além do trabalho pedagógico com esses jovens, foi notável o envolvimento deles com o Espaço Criança Esperança e a curiosidade com relação ao que será feito a partir dos resultados de seus trabalhos.

Os dados levantados com esta metodologia possibilitarão definir focos de diversas ações estratégicas, qualificar decisões com base em prioridades identificadas e abrir perspectivas de divulgação dos trabalhos a serem realizados no Espaço Criança Esperança e em outros equipamentos daqui em diante. Mas o mais importante fruto deste processo é que o trabalho construído favorece, a

partir da criação de um canal de diálogo na região, a construção de diversas outras iniciativas participativas.